



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**PROGRAMA DE PÓSGRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

# **Perversão no Feminino: Do Desejo Neurótico ao Gozo Perverso**

Gilzi Franco e Lima Carvalho

**GOIÂNIA**  
**2013**



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**PROGRAMA DE PÓSGRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

# **Perversão no Feminino: Do Desejo Neurótico ao Gozo Perverso**

**Gilzi Franco e Lima Carvalho**

**Orientador Dr. Pedro Humberto Faria Campos**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pósgraduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

**GOIÂNIA**  
**2013**

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)  
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

Carvalho, Gilzi Franco e Lima.  
C331p Perversão no feminino [manuscrito]: do desejo neurótico ao gozo perverso / Gilzi Franco e Lima Carvalho. – 2013.  
113 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Psicologia, Goiânia, 2013.

“Orientador: Prof. Dr. Pedro Humberto Faria Campos”.

1. Psicanálise. 2. Perversão sexual. 3. Mulheres -  
Comportamento sexual. I. Campos, Pedro Humberto Faria. II.  
Título.

CDU: 159.964.2(043)



**Pontifícia Universidade Católica de Goiás**  
Programa de Pósgraduação *Stricto Sensu* em Psicologia

Dissertação de Mestrado

## **Perversão no Feminino: Do Desejo Neurótico ao Gozo Perverso**

Gilzi Franco e Lima Carvalho

Trabalho Apresentado à Banca de Defesa no dia 14 de Junho de 2013.

**Banca Examinadora – Mesa de Defesa**

---

Doutor Pedro Humberto Faria Campos  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO

---

Doutor Fábio Jesus Miranda  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC – GO

---

Doutor Rodolfo Petrelli  
Faculdade Católica Dom Orione – FACDO – TO

**GOIÂNIA**  
**2013**

Dedico este trabalho aos meus pais, que com muita sabedoria e dedicação estiveram ao meu lado me encorajando nas horas difíceis e me aplaudindo nos momentos de glória.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Pedro Humberto Faria Campos por acreditar no futuro deste projeto e que através de seus ensinamentos, paciência e compreensão contribuiu para a realização do mesmo.

Em especial agradeço à Dr<sup>a</sup> Denise Teles Freire Campos pelo aprendizado, apoio e incentivo, e principalmente pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Agradeço ao Dr. Fábio Jesus Miranda e ao Dr. Rodolfo Pertelli por aceitarem participar da Banca de Defesa, proporcionando discussões e sugestões que servirão para crescimento, aprendizado e incentivo à pesquisa.

Aos meus pais pelo carinho, paciência e incentivos incessantes. Que de forma especial e carinhosa me deram força e carinhosa, me apoiando nos momentos de dificuldades. Obrigada por serem fonte de inspiração, apoio e ensino diário.

Agradeço a Deus por me amparar nos momentos difíceis e me dar força, iluminando os caminhos nas horas incertas.

E a todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram com o sucesso deste trabalho.

## Resumo

O presente estudo traz uma reflexão, a partir da teoria Psicanalítica, sobre a perversão, mais especificamente sobre a perversão feminina, seus entraves e questionamentos. O estudo traz uma descrição do termo perversão, usado anteriormente de forma reducionista e posterior descrição realizada por Freud (1905/2004) como um processo do desenvolvimento psicosssexual. Apesar de alguns autores não comungarem com a idéia de perversão no feminino, este estudo apresenta uma análise de um caso clínico, uma subjetividade feminina adulta, com traços característicos da perversão, inscritos em sua fala e em sua relação com o outro. Este trabalho tem como objetivo analisar a presença de traços estruturais perversos em uma jovem mulher e discutir como a dinâmica perversa se estabelece na subjetividade feminina. Para refletir sobre essa questão o trabalho possui uma parte teórica, na qual é retratado o desenvolvimento psicosssexual feminino, trazendo uma reflexão a respeito da dinâmica perversa, bem como a construção de traços perversos na mulher. O Estudo de caso clínico foi apresentado a partir da reconstrução das sessões clínicas e realizada a Discussão, articulando a teoria com a dinâmica apresentada pelo sujeito.

Palavras-chave: Psicanálise, perversão, feminino.

## **Abstract**

The present study brings a reflection, from the Psychoanalyst theory, about the perversion, more specifically about female perversion, its obstructions and questioning. The study brings a description of the perversion term, used before with a reductionist vision and later the description made by Freud (1905/2004) like a psychosexual development process. Even though some authors did not agree with the female perversion idea, this study presents an analysis of a clinical case, an adult female subjectivity, with perversion characteristic traces, that were registered in her talk and her relation with the other one. The goal of this work is to analyze the presence of the perverse structural traces in a young woman and to discuss how the perverse dynamic establishes itself on female subjectivity. To reflect about this question the work has a theory part, in which is portrayed the female psychosexual development, bringing a reflection in the respect of the perverse dynamic, as well as construction of perverse traces in woman. The clinical case study was presented from the reconstruction of the clinical sessions and the Discussion conducted, articulating the theory with the dynamic presented by the person.

Key-words: Psychoanalysis, perversion, female.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>PROCESSOS PSÍQUICOS E A FORMAÇÃO DO SUJEITO.....</b>	<b>11</b>
1.1. Processos Psíquicos Pertencentes na Constituição do Sujeito .....	10
1.2. Desenvolvimento Psicosexual Masculino e Feminino ....	16
1.3. O Complexo de Édipo no desenvolvimento do sujeito .....	18
1.3.1. Complexo de Édipo masculino e seu desenvolvimento .....	19
1.3.2. Desenvolvimento do Complexo de Édipo Feminino.....	22
1.4. Repressão do Complexo de Édipo e Fortificação do Ideal do Ego .....	26
1.5. Relação Pré-Edipiana Feminina .....	27
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>A PERVERSÃO E O FEMININO.....</b>	<b>35</b>
2.1. Perversão: do desejo ao Gozo .....	35
2.2. Processos Constituintes da Perversão .....	42
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>PERVERSÃO, ESTRUTURA, POSIÇÃO OU MANIFESTAÇÃO? .....</b>	<b>47</b>
<b>CAPÍTULO IV</b>	
<b>TRAÇOS ESTRUTURAIS DA PERVERSÃO NO FEMININO: ESTUDO DE CASO CLÍNICO .....</b>	<b>52</b>
4.1. Construção do Caso Clínico .....	52
4.2. Caso Clínico .....	55
4.2.1. 1ª sessão .....	58
4.2.2. 2ª sessão .....	61
4.2.3. 3ª sessão .....	63
4.2.4. 4ª sessão .....	65
4.2.5. 6ª sessão .....	68
4.2.6. 8ª sessão .....	69

4.2.7.	9ª sessão .....	71
4.2.8.	12ª sessão.....	72
4.2.9.	14ª sessão .....	73
4.2.10.	15ª sessão .....	75
4.2.11.	17ª sessão.....	76
4.2.12.	19ª sessão.....	78
4.2.13.	20ª sessão.....	80
4.2.14.	23ª sessão.....	82
4.2.15.	24ª sessão.....	83
4.2.16.	28ª sessão.....	84
4.2.17.	29ª sessão.....	86
4.2.18.	30ª sessão.....	87
4.2.19.	32ª sessão.....	88
4.2.20.	34ª sessão.....	90
4.2.21.	36ª sessão.....	92
4.2.22.	38ª sessão.....	93
4.2.23.	41ª sessão.....	94
4.2.24.	44ª sessão.....	94
4.2.25.	45ª sessão.....	96
4.2.26.	46ª sessão.....	97

## **CAPÍTULO V**

<b>DISCUSSÃO DO CASO CLÍNICO .....</b>	<b>98</b>
--	-----------

## **CAPÍTULO VI**

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>105</b>
-----------------------------------	------------

<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>109</b>
---------------------------	------------

## INTRODUÇÃO

O trabalho em questão consiste em uma pesquisa realizada no âmbito clínico, mais especificamente na clínica Psicanalítica. O interesse em pesquisar a clínica surgiu dos atendimentos realizados, os quais contribuíram para o desencadeamento de muitos questionamentos.

O presente estudo refere-se a uma reflexão sobre a escuta do analista diante da subjetividade do analisando. No entanto vale lembrar que o sintoma, por si só, não nos permite realizar um diagnóstico da organização da personalidade, os traços estruturais representam a estrutura da personalidade e estes diferem dos sintomas. Com isso o trabalho do analista se desenrola com base em uma linha tênue entre o que seria ou não traços perversos.

O termo perversão, no entanto surgiu entrelaçado à questões relativas à moral e a sexualidade. Contudo Freud, nos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905/2004), traz uma visão mais abrangente e menos moralista, desvinculando a perversão de uma visão reducionista. Ao se referir à sexualidade infantil, ele evidencia desvios em relação ao alvo sexual e ao objeto como fazendo parte do desenvolvimento normal e das práticas sexuais adultas comuns às pessoas. Desprendendo assim da concepção das perversões como desvio sexual e as inserindo nos processos psicosssexuais e na economia das pulsões. Porém, apesar de Freud tirar a perversão do campo da anormalidade e do moralismo o termo ainda vem regado de preconceitos.

Porém juntamente com esta discussão do termo existe também a discussão quanto à perversão ser possível somente no sexo masculino. Muitos

autores comungam com esta teoria, da inexistência da perversão no feminino. Contudo o caso clínico contido neste estudo demonstra traços perversos em uma mulher, contidos em sua fala e em sua relação com o outro.

Portanto o objetivo do presente trabalho consiste em compreender como é construída a dinâmica perversa da personalidade e discutir sobre a edificação de traços estruturais perversos na subjetividade feminina. O trabalho é constituído de uma primeira parte teórica, dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo busca elucidar o desenvolvimento psicosexual da criança, especificamente o feminino, visto que o estudo se refere a uma subjetividade feminina. O segundo capítulo aborda a dinâmica perversa, sua constituição e formas de manifestação na personalidade, além do estudo sobre os traços perversos no feminino.

Posteriormente é apresentado o estudo do caso clínico, sendo descritos o método de construção e análise do material clínico de pesquisa. O método da pesquisa foi realizado a partir da reconstrução das sessões clínicas, tendo por base a teoria Psicanalítica. Neste contexto a escuta, transferência, contratransferência e interpretação permitem que conteúdos expressos na relação analista-analisando possam ser incorporados a uma significação.

A terceira parte do estudo consiste na Discussão, que será pautada em uma reflexão sobre a teoria e o material clínico.

## CAPÍTULO I

### PROCESSOS PSÍQUICOS E A FORMAÇÃO DO SUJEITO

#### 1.1. Processos Psíquicos na Constituição do Sujeito

Segundo a teoria psicanalítica, dentro de uma dinâmica de constituição do sujeito há vários processos psíquicos que são importantes e ajudam na formação emocional do sujeito. Os processos psíquicos envolvidos no desenvolvimento do sujeito, que o constituirá, será entre outros o “Olhar do Outro”, o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração.

Segundo Lacan (1995) a criança, em um primeiro momento, se encontra fusionada com a mãe, caracterizada pela *indiferenciação* entre ambas, a qual ele denomina de *Estágio do Espelho*. Nesta relação mãe-criança a criança vivencia uma experiência em que ela traz amor á mãe e satisfaz o desejo da mesma. A partir desse processo, dessa fusão existente entre mãe-criança, a criança irá dar início a construção da imagem de si e a mãe irá oferecer o lugar de Falo imaginário a criança. Sendo que o desejo da mãe é possuir esse Falo a criança irá “incorporá-lo”, acreditando ser realmente aquilo que a mãe deseja, como se seu olhar fosse o espelho da criança. Mesmo a criança não sendo aquilo a que a mãe almeja ela se identifica como sendo o falo materno, se percebendo como o único objeto de desejo da mãe. Encontra-se, portanto, nesse processo uma “troca”, na qual a criança investe energia para esse *Outro*

e o mesmo se volta para a criança de forma narcísica. A criança, em seu imaginário, acredita que possui uma mãe onipotente e que proporciona um gozo contínuo, suprimindo todas suas necessidades. A mãe, portanto, passa a ocupar o lugar do grande Outro (Lacan, 1995).

Porém, quando a mãe começa a responder sua própria demanda a criança começa a pressentir que ela não constitui o único objeto de desejo materno. Surge então na mãe indícios de sua potência e sua falta, e na criança o sentimento de impotência. Com a descoberta da mãe como um sujeito faltoso a criança cria uma ilusão de ser ela o objeto que satisfaz essa falta e irá se colocar no lugar do desejo insatisfeito da mãe, o falo materno. Em contrapartida, a criança na ilusão de se colocar no lugar de falo para a mãe, a última irá acreditar possuir o falo.

No entanto essa ilusão de se colocar no lugar de falo e de ter o falo se colocará em questão com a entrada da figura paterna. O pai irá realizar o corte da díade, representando a lei, a proibição do incesto. A criança percebe que não possui a mãe a qualquer momento, que há um gozo do qual ela não faz parte, havendo, portanto, um novo saber sobre o desejo do Outro e de seu próprio desejo (Dör, 1991).

É importante analisar algumas questões referentes ao pai real, ao pai imaginário e ao pai simbólico, pois a função paterna instaura e dimensiona o Complexo de Édipo. O pai simbólico é o representante da lei da proibição e do incesto. Já o pai imaginário é a instância mediadora através da qual o pai real seria revestido pelo simbolismo da Lei. Essa função simbólica é constituída na relação mãe-criança-pai-falo. O pai real se aproxima dessa díade mãe-criança

colocando a criança em dúvida quanto sua posição na dimensão desejosa da mãe, dando início a castração paterna (Lacan, 1995).

Instala-se uma rivalidade fálica entre pai e criança, pois o primeiro se mostra como o único regulador do desejo da mãe. A criança percebe que o *Outro* materno investe sua energia em outros objetos, e que este não é “completo”. Em um primeiro momento a criança se coloca como rival do pai, no entanto vai aceitando aos poucos a realidade. O pai imaginário, nesse momento, se expressa como detentor do falo, privando e interditando a criança da posição de único objeto de desejo da mãe. A partir desse momento a criança se depara com a *Lei do Pai*, a mãe se significa como um ser faltoso não podendo satisfazer totalmente o *Outro*.

A criança irá atribuir a função fálica ao pai imaginário, pois, nesse momento, ele é quem tem supostamente o que ela deseja e o pai simbólico irá representar a Lei. Quando a criança é mobilizada a deixar a posição de falo materno esta é conduzida ao registro da castração. Acontece então o corte do vínculo narcísico entre a mãe e o bebê, sendo que a castração é a perda do *Outro* perfeito (Lacan, 1995). Ressaltando que a função de pai simbólico, extremamente necessária ao desenvolvimento da criança, pode existir mesmo na ausência do pai real, a mediação no desejo mãe-criança poderá ser realizada por um terceiro. Segundo Nasio (1988) “nós, os seres falantes, somos apenas seres de vento, mensageiros que se desvanecem entre o gozo que aspira as palavras e o nome do pai que as ordena” (p.47).

De acordo com Zimerman (1999), tanto a criança como a mãe são inseridas no processo de castração, a mãe é castrada na crença de possuir o falo e a criança no fato de ser o próprio falo. A aceitação desse processo

proporciona o ingresso da criança no triângulo edípico. No entanto a falta só é suportável se simbolizada, se houver a busca de símbolos substitutos, significantes que representem o falo.

Ressalta-se, porém, a diferenciação entre falo imaginário e falo simbólico. O primeiro seria o objeto que alguns possuem e outros não, podendo sofrer ameaças de ser perdido e o segundo, o falo simbólico seriam as representações psíquicas substitutas, que dizem respeito ao falo, o qual a criança terá que lançar mão e eleger outros equivalentes (Dör, 1991).

Corroborando com as questões analisadas acima, Passos (2006) afirma que o “olhar do Outro” irá constituir o sujeito, irá corporificá-lo e torná-lo um sujeito desejante. A criança então se empenha na busca desse desejo, desse interesse, desse olhar que o Outro, no caso a mãe, desde seu nascimento, inconscientemente lhe resigna. Esse “Olhar do Outro” pode ser não somente concebido pela mãe, mas, também, pelo pai, por um “cuidador”, ou, até mesmo, pela própria cultura.

A partir de uma perspectiva psicanalítica antes mesmo da criança nascer, antes de receber um nome e um registro civil, esta criança já é marcada com um “significante que o situa no campo do Outro”, estabelece um lugar mais ou menos valorizado para este Outro, dependendo dos ideais investidos nessa criança. Esse investimento ocorre seja pelo casal parental, pela família ou por sua inserção na sociedade (Ferreira, 2008).

De acordo com Passos (2006) é necessário nomear esse corpo, operar sobre sua superfície, para que o bebê possa produzir um sentido através desse outro. A mãe é a primeira escolha objetual da criança, seu primeiro objeto de amor. Em um primeiro momento o bebê não tem uma consciência e sim

percepções corporais e para ele a mãe está fusionada com ele, não há diferenciação. Então os significantes existentes na cena familiar irão balizar o surgimento de um sujeito desejante. Este sujeito se forma pelo desejo de um *Outro*.

Desde seu nascimento a criança, segundo Roure (2004), recebe um grande investimento narcísico advindo dos pais, ou pouco investimento em alguns casos. Este rege sua interação em casa, na escola, como em qualquer outro ambiente. Neste investimento são “depositadas” na criança expectativas e sonhos, advindos dos pais. De acordo com Roure (2004) uma criança impossibilitada de ser reconhecida como sujeito e não como objeto “é colocada perversamente na posição de falo imaginário da mãe. Submetida à onipotência materna, é capturada pelo fantasma materno e não é sequer reconhecida como sujeito do desejo”. (p.39).

De acordo com Passos (2006): “É em relação ao corpo como o lugar das atividades pulsionais e dos primeiros investimentos que um outro lhe dirige, delimitando por palavras e imagens seus contornos, que a criança experimenta os efeitos fundamentais do sexo”. (pag. 14).

Nas formulações que ocorrem neste período duas são de extrema importância, que são as teorias sexuais infantis e a construção do fantasma. Na primeira formulação a criança tem uma necessidade de “construir” seu saber, e por isso ela começa a inventar respostas para perguntas que a aflige. Na criação das teorias sexuais infantis a criança começa a dar um sentido para as situações que desconhece, na tentativa de incluí-las na experiência e nomeá-las com sua palavra. Já a construção do fantasma se estabelece com o

que resta da operação lógica entre a criança e o Outro, sendo destacado e representado por razão de sua perda (Passos, 2006).

## **1.2. Desenvolvimento Psicosexual Masculino e Feminino**

Para a psicanálise a relação masculino/feminino não se trata de uma relação complementar ou hierárquica. Existe um grande trabalho psíquico aí implicado. Segundo Freud (1915/2004) a psicanálise se interessa pela polaridade existente entre “atividade” e “passividade”, dizendo que a libido é sempre masculina, sua busca pela satisfação pulsional que a mobiliza tem sempre um caráter de atividade, e que a feminilidade seria a possibilidade de satisfação pulsional com metas passivas. Segundo ele tanto os homens como as mulheres disporiam das duas tendências.

Este sujeito será marcado a partir da conformação de seus órgãos sexuais, com um significante que o situa no campo do Outro, dependendo também dos ideais que serão depositados nesse sujeito (Ferreira, 2008). Freud, através de seus estudos e com a ajuda de suas pacientes, descobre que o motor da neurose seria a sexualidade infantil. A grande força da neurose então seria a repressão da sexualidade infantil, sendo o corpo tanto a origem como o fim da pulsão. O curso que estas pulsões vão seguir será demarcado pelos acontecimentos da infância, repercutindo na fase adulta posteriormente (Passos, 2006).

Vale ressaltar que a diferenciação sexual, menino/menina, não é uma questão somente biológica, de ter o órgão masculino ou feminino em si, mas sim de uma diferenciação sexual que é inscrita com vários significantes. E

estes significantes demarcam lugares e estabelecem relações e diferenças (Ferreira, 2008).

Segundo Nasio (1989) a primazia do falo não é semelhante à primazia do pênis, portanto o elemento organizador da sexualidade humana não é o órgão genital masculino *per se* e sim a representação construída dessa parte do corpo masculino. A evolução da sexualidade infantil e adulta ordena-se a partir do chamado falo – pênis imaginário. Portanto o que “a criança percebe como atributo possuído por alguns e ausente em outros não é o pênis, mas sua representação psíquica...” (p. 34).

Portanto, não refere ao órgão sexual propriamente dito, mas sim algo que comparece no lugar da falta no *Outro*, portanto aquilo que a criança percebe irá determinar seus efeitos psíquicos (Ferreira, 2008).

Segundo Ferreira (2008): “a função do falo só é concebível se ele for tomado como significante da falta, da divisão que se introduz para o sujeito, pelo fato de ser faltante, entre o real do organismo e o órgão investido, “interpretado” pelo significante”. (p. 18).

Todos estes processos então serão determinados pela forma como a criança vai articular ao corpo pulsional as incidências simbólicas e imaginárias de sua relação com o *Outro*.

Do ponto de vista psicanalítico, na dinâmica da epopéia edipiana alguns momentos são cruciais para o sujeito, pois os empreendimentos do desejo mobilizados na relação com o falo podem favorecer precipitações de organizações estruturais específicas.

### **1.3. O Complexo de Édipo no Desenvolvimento do Sujeito**

De acordo com a concepção freudiana, tanto o Complexo de Castração, como o Complexo de Édipo são diferentes no menino e na menina. Segundo Freud (1925/2004) “enquanto nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração” (p.285). A diferença consiste então em uma castração que foi executada, no caso nas meninas, e outra em que simplesmente foi ameaçada, nos meninos. O falo então deixa de ser algo que se tem e passa a ser algo que se pode perder.

Porém o Complexo de Édipo, tanto na menina quanto no menino, ocorre em uma fase denominada fase fálica. Segundo Freud (1923/2004) essa fase pré-genital, diferentemente da primazia dos órgãos genitais que ocorre no adulto, existe sim uma primazia do falo. A fase fálica é caracterizada pela descoberta e interesse da criança pelos genitais. Refere-se à fase pré-genital fálica como fase genital infantil pelo fato dos genitais encontrarem um lugar de destaque e, no entanto, não serem utilizados para a finalidade reprodutiva, o coito sexual propriamente dito. Contudo, nessa fase enfatiza-se a principal diferença da fase genital adulta, ou seja, na organização infantil somente o órgão masculino está em evidência, a questão fundamental seria então possuir ou não o pênis. Portanto segundo Freud (1923/1996), o que estaria presente, não seria uma primazia dos órgãos genitais, órgão físico com a finalidade reprodutiva, mas sim uma primazia do Falo, do ter ou não ter. Na organização

adulta, posteriormente, existe então masculino e feminino. A fase fálica é caracterizada pela descoberta e pelo interesse e/ou curiosidade pelos genitais. Portanto as crianças, muitas vezes, demonstram esse interesse pela masturbação, pela curiosidade em ver os genitais das outras crianças e em exhibir o seu próprio órgão para outras pessoas. No entanto no início, todas as crianças possuem o pensamento de que o pênis é universal, de que todos a sua volta o possui, que assim como os homens as mulheres também possuem o pênis. De acordo com Freud (1905/1996), uma das primeiras teorias sexuais infantis seria a suposição de uma genitália idêntica à masculina em todos os outros seres humanos, tanto no sexo masculino e no feminino. Porém com o passar do tempo e de suas investigações a criança descobre que nem todos possuem o pênis, que existe um ser que não o possui, a mulher.

O Complexo de Castração neste processo está associado à ausência de pênis na mãe. Esta atribuição fálica é vivida como uma falta, produzindo angústia em ambos os sexos (Freud, 1925/2004).

### **1.3.1. Complexo de Édipo masculino e seu desenvolvimento**

Segundo Freud (1905/2004), perto dos quatro anos o menino percebe que as meninas não possuem o pênis, o que os levará a conceber que a posse do seu não está garantida. No momento em que o menino tem a visão de um genital feminino, e se depara com a ausência, ele rejeita o fato e ainda assim acredita que vê um pênis. Quando o menino se depara com a realidade de que as mulheres, inclusive a própria mãe, não possuem o pênis, pode, em um primeiro momento, recusar essa percepção, ou seja, a mãe continua possuindo

um pênis. Posteriormente, a criança começa a elaborar essa percepção indesejada, criando explicações para a mesma, como por exemplo: o pênis dela é pequeno, mas ficará maior; o pênis está escondido; o pai arrancou o pênis da mãe, entre outras. Aos poucos estas explicações são abandonadas e ele conclui que a mãe é castrada, que realmente não o possui. Porém esta questão abre caminho para a angústia, pois a criança acredita que, por a mãe estar “despossuída”, possa ele também ficar.

A criança, embora observe a diferença anatômica, não elabora como diferença sexual, ela nega a visão que tem e constrói as suas teorias sexuais para sustentar sua pré-concepção (Freud,1905/2004).

A mãe deixa de ser um objeto idealizado, pois é um objeto “faltante”. A relação carrega, a partir de então, algo inquietante e angustiante, bloqueando a via do desejo, pois o menino teme um dia ser castrado como a mãe. A ameaça de castração, muitas vezes representada pelas palavras proibitivas dos pais em relação à masturbação, como por exemplo a ameaça de que irá cortar, castrar o seu órgão, aliada a representação de alguém que teve e não tem mais, incidem sobre a fantasia incestuosa da criança. É sob o efeito da angústia de castração que o menino aceita a lei e renuncia a mãe como objeto de amor (Freud, 1905/2004).

O medo que lhe acarreta a descoberta da ausência de pênis nas mulheres faz com que o menino se sinta ameaçado pela possibilidade de perda de seu órgão. Esse medo o leva a abandonar seu investimento libidinal nas figuras parentais, para preservar essa parte do corpo a qual recebia um grande investimento narcísico. O complexo de Édipo é destruído no inconsciente e o

investimento antes direcionado as figuras parentais serão desviados para o aprendizado escolar e outras atividades (Ferreira, 2008).

Depara-se, portanto, com o término do complexo de castração e do complexo de Édipo no menino, tornando possível a afirmação da identidade masculina. O menino “assume” sua falta e produz seu próprio limite. Segundo Freud (1924/1996), “as catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego” (p. 196). Portanto ao entrar em processo de dissolução, todo o investimento sexual característico do complexo de Édipo é dessexualizado, sublimado e transformado em impulsos de afeição, caracterizando o início do período de latência. Todo o investimento sexual utilizado no Complexo de Édipo será revertido para as identificações posteriores.

Vale ressaltar que conceito de Castração não se remete á mutilação dos órgãos sexuais masculinos, mas se refere sim a uma experiência psíquica completa, vivida inconscientemente pela criança e decisiva para a assunção de sua futura identidade sexual. Portanto o ato castrador não incide exclusivamente sobre a criança e sim sobre o vínculo mãe-filho. O agente dessa ação geralmente é o pai, com a imposição da lei da proibição do incesto. O pai, ao lembrar à mãe que ela não pode reintegrar o filho em seu ventre e ao lembrar ao filho que ele não pode possuir a mãe realiza uma dupla castração. Esta dupla castração consiste em “castrar o Outro materno de ter o falo e castrar a criança de ser o falo” (p. 37, Nasio, 1989).

Na teoria psicanalítica o conceito de castração caracteriza-se por uma experiência psíquica inconsciente decisiva para a construção desta identidade

sexual do indivíduo, sendo uma experiência constantemente renovada ao longo da vida. Através dela, a criança é introduzida no universo do simbólico. Segundo Nasio (1995), a castração é colocada em jogo no trabalho analítico no sentido de reativar, na vida adulta, essa experiência que atravessamos na infância e “admitir com dor que os limites do corpo são mais estreitos do que os limites do desejo” (p.13). A criança “admite à duras penas” que seu desejo não poderá de todo ser realizado (Nasio, 1995).

### **1.3.2. Desenvolvimento do complexo de Édipo feminino**

Diferentemente dos meninos, as meninas percebem que lhes faltam algo. Para o menino, a excitação sexual que o leva a se masturbar está ligada aos seus desejos edipianos. Este entra em conflito por causa de seus desejos libidinosos pela mãe e o interesse narcísico que dirige ao pênis; normalmente prevalecendo posteriormente o interesse narcísico. Já a menina, de acordo com Freud (1924/2004), com a percepção do pênis nos meninos, ela se sente prejudicada, lesada; e, diferentemente dos meninos, seus desejos edipianos não são abandonados.

No entanto na menina, no momento em que se sente castrada, quando percebe que algo lhe falta, isto é percebido como uma punição por uma falta cometida pela mulher, que a fizesse perder seu órgão. A criança então percorrerá um longo percurso antes de poder generalizar suas conclusões, e posteriormente acaba por admitir que é uma característica universal das mulheres (Freud, 1925/2004).

Na menina a fase fálica se desenvolve a partir da descoberta dos genitais masculinos, sua conseqüente diferenciação. A menina percebe que o pênis do menino é de proporção superior ao seu órgão, então se torna vítima da inveja do pênis. Ao contrário do menino que rejeita aquilo que vê em um primeiro momento, a menina vê, sabe que não o tem mas quer tê-lo (Freud 1925/2004).

Inicialmente a menina acredita que possui pênis, sendo este seu clitóris. No entanto, observando seu colega que possui um pênis e ela não, sente-se injustiçada, lesada e tenta se consolar pensando que seu clitóris é um pênis pequeno e que ainda irá crescer. Com o passar do tempo ela percebe que realmente é castrada, mas o desejo de possuir um pênis permanece. A menina então toma consciência que a mãe e outras mulheres, assim como ela, são castradas, colocando um fim na crença da universalidade do pênis. A partir daí despreza e rejeita a mãe, com ódio e hostilidade por ela tê-la feito assim, castrada, e portanto sente-se inferior aos meninos. Existe então a separação da mãe e a escolha do pai como objeto de amor. O complexo de castração na menina marca sua entrada no complexo de Édipo, no qual ela volta-se para o pai, pois ele pode lhe responder positivamente ao seu desejo de ter um pênis, sendo este representado por um filho (Freud, 1905).

O complexo de castração na menina inaugura sua entrada no Complexo de Édipo. Freud (1931/1996), afirma que, nesse momento, a menina se ressentida e censura a mãe por não ter lhe dado um pênis semelhante ao do menino, por tê-la concebido com “defeito”.

O menino então, nesse momento em que percebe que a mulher não possui o pênis, ele interpretará a ausência como uma castração e a menina, já

consumada a ausência, reconhece a superioridade do homem e sua própria inferioridade e terá, segundo Freud (1925/2004) três destinos possíveis.

Um dos desfechos possíveis para o complexo de Castração é a menina acreditar ser castrada, no qual esta abre mão de sua sexualidade, havendo inibição sexual e podendo desenvolver um sentimento de inferioridade, segundo o autor este seria um estado patogênico. A menina então seria tomada por uma repulsa da sexualidade, pois ela mergulharia na comparação com os meninos, validando sua inferioridade perante os mesmos (Freud, 1925/2004).

O segundo desfecho possível da menina caracteriza-se pela inveja peniana e por uma busca incessante em possuir um pênis, o que pode se manifestar por um complexo de masculinidade. Segundo Freud (1933/1996), isso ocorre na menina pelo fato dela recusar reconhecer o fato, indesejado, de ser castrada. Ela mantém assim uma identificação com a mãe fálica ou com o pai. Portanto, a menina acredita possuir um pênis, neste caso a mesma recusaria o fato de ser castrada e se convenceria de que realmente possui um pênis, se tornando assim uma mulher fálica.

E por fim, o terceiro desfecho segundo Freud (1925/2004), seria a menina abandonar seu desejo de possuir um pênis e colocar em seu lugar o desejo de ter um filho, tomando seu pai como objeto de amor. Nesse processo o pai é tomado como objeto de amor e a menina constrói sua feminilidade inspirada na mãe, desfecho este dito como normal. A menina volta-se para o pai pelo desejo de possuir um pênis, pois a mãe não pôde lhe oferecer o mesmo. A feminilidade normal se configura quando o desejo de possuir um

pênis for substituído pelo desejo de possuir um filho, transformando posteriormente o objeto amoroso que antes era o pai, para um novo parceiro.

Porém, quando a filha ainda tem por objeto de amor o pai, a mãe é vista pela filha como rival, pois a mãe recebe do pai tudo o que deseja e a filha não o tem o que realmente quer. Assim, como enfatiza Nasio (1995), “a feminilidade é um constante devir, tecido por uma multiplicidade de trocas, todas destinadas a encontrar para o pênis o melhor equivalente” (p. 21).

No entanto, neste mesmo processo, tomar o pai enquanto objeto amoroso não constitui uma simples troca de objeto, é um processo doloroso pelo qual passa a menina. Segundo Freud (1933/1996), o afastar-se dessa mãe, seu objeto primeiro de amor, para a menina, é um processo regado de hostilidade, ligação esta terminada em ódio. Contudo o destino desse ódio vai depender da natureza afetiva da relação primária dessa menina para com sua mãe.

Quando ocorre o afastamento da mãe para tomar o pai como objeto de amor, a identificação com a mesma permanece. De acordo com Freud (1940/1996), quando existe a perda de um objeto amoroso a reação mais óbvia seria identificar-se com esse objeto, substituí-lo dentro de si através da identificação. Esta identificação se sustenta, primeiro pela vinculação afetiva pré-edípica com a mãe, e segundo porque esta é tomada como modelo no Complexo de Édipo, pois o objetivo da menina é estar no lugar da mãe junto ao pai, é adquirir aquilo que exerceria a atração masculina, adquirir a feminilidade da mãe.

Portanto esta hostilidade da filha em relação à mãe, juntamente com a inveja do pênis, constitui alguns dos elementos do desenvolvimento da feminilidade.

O complexo de castração na menina possui dois elementos comuns com o do menino: a crença na universalidade do pênis e a ligação com a mãe como primeiro objeto de amor. No entanto, este segundo elemento desenvolve-se de maneira diferente para meninos e meninas. Os meninos, no processo edípico, mantêm a mãe como objeto de amor, enquanto que as meninas necessitam afastar-se da mesma para eleger o pai a ocupar esta posição privilegiada, além de conceber a mãe enquanto objeto edípico rival. Posteriormente, a menina renuncia ao pai (Freud, 1905).

A partir dessa experiência a criança deverá deixar a ilusão da onipotência e começar a aceitar que seu corpo tem limites e que estes são mais estreitos do que os limites do desejo (Nasio, 1997).

No entanto o complexo de Castração não se reduz a um momento cronológico, essa experiência inconsciente é incessantemente renovada nas relações vividas posteriormente pelo sujeito.

#### **1.4. Repressão do Complexo de Édipo e Fortificação do Ideal do Ego**

Um processo importante na construção da estrutura psíquica é a repressão do complexo de Édipo. Quando o menino desenvolve uma catexia objetal pela mãe ele identifica-se com o pai. No entanto, os desejos sexuais do

menino com a mãe se tornam mais intensos, percebendo o pai como obstáculo, originando o complexo de Édipo. Surge o desejo de ocupar o lugar do pai, livrando-se dele. Além da questão de o menino querer ser igual ao pai, surge a questão de não poder ser como o pai, de não poder fazer tudo o que ele faz, porém isso ocorre somente se há a proibição, a interdição do complexo de Édipo.

De acordo com Freud (1923/2004) o ideal do ego surge desse evento revolucionário, no qual o ego fortifica-se para a execução da repressão e ergue-se esse mesmo obstáculo dentro de si. Assim sendo, o superego retém o caráter do pai e quanto mais poderoso e rapidamente o complexo de Édipo sucumbir à repressão mais severa será sua dominação sobre o ego, sob a forma de consciência ou de um sentimento inconsciente de culpa, exercendo a censura moral. Nos sujeitos que passaram por essa interdição os conflitos existentes entre o ego e o ideal de ego refletem o contraste entre o que é real (mundo externo), e o que é psíquico (mundo interno).

## **1.5. Relação Pré-Edipiana Feminina**

O desenvolvimento da sexualidade feminina é um campo de estudo ainda em construção e com várias “falhas”. Birman (1997) analisa que isso ocorre pelo fato de o feminino, em textos anteriores vir recoberto com um manto de “mistério”, ou por desinteresse, poucos autores se permitiram falar e aprofundar sobre o feminino.

Segundo Birman (1997) a figura da feminilidade anteriormente seria encoberta de algo enigmático pelo fato de que a figura da masculinidade seria

algo óbvio. Este fato fica claro até mesmo através dos textos de Freud que, muitas vezes, deixa de lado a investigação da sexualidade feminina para tratar exclusivamente da masculina. Anteriormente a construção da sexualidade masculina e da feminina eram analisadas de forma paralela, porém Freud dedicava-se quase que exclusivamente ao estudo do processo no menino, deixando em aberto o que dizia respeito à menina. Porém a partir de 1920, Freud começa a sua contribuição sobre o feminino apresentando concepções sobre a construção da sexualidade feminina. No entanto deixava claro que se tratava de algo enigmático, misterioso, se referindo à sexualidade feminina como um “continente negro”, algo ainda a ser explorado. Sempre enfatizando que as vias de construção da feminilidade seriam mais sinuosas do que a da masculinidade, ou seja, ser e se tornar mulher seria um processo repleto de diferenciação.

Além dos questionamentos sobre a diferenciação sexual, Freud (1931/2004) também faz apontamentos sobre o fato da feminilidade ser construída sob o alicerce da maternidade. De acordo com esse ponto de vista a menina se tornaria mulher se seguisse o caminho da maternidade. Porém Birman (1997) ressalta que a mulher não precisaria ser mãe para se tornar mulher, então o que estaria em voga seria a positividade do puro desejo na mulher e não ela trilhar ou não o caminho da maternidade.

Birman (1997) afirma que tanto a questão de se tornar homem, como a de se tornar mulher, são processos cheios de obstáculos. Portanto, de acordo com este mesmo autor, o que poderia então ser considerado como enigmático seria a construção da diferença sexual e não a feminilidade, como dito por

outros autores. A feminilidade seria um processo que se impõe tanto nos homens como nas mulheres.

Freud (1931/1996), após enfatizar em seus textos anteriores a construção da sexualidade masculina, começa a fazer questionamentos sobre o desenvolvimento psicossocial feminino. Em estudos anteriores, Freud enfatizava somente a ligação da menina com o pai no processo edípico, deixando de lado a importância da ligação com a mãe. Esta ligação citada é caracterizada pela intensa paixão da filha pela mãe, na qual o pai seria um intruso. A natureza dos afetos presentes nessa relação com a mãe, seria então a herança que formaria a base para uma nova relação, a ligação com o pai, e posteriormente na vida adulta com o parceiro. Portanto temos, nesse caso, uma ligação primária de extrema relevância, a qual irá constituir a herança para as relações futuras.

A menina entra então no Complexo de Édipo após se sentir castrada, por não ter o falo e por querer encontrá-lo de alguma forma. Aquele que possui o falo, nesse caso o pai, seria quem poderia dar à criança, a menina, o objeto de sua satisfação, aquilo que ela deseja. Deste modo, Segundo Lacan (1995), o que é amado no sujeito é o que ele não tem, é aquilo que ele desejaria ter. A menina, nesse momento, busca o pai para que este lhe dê o falo através de um filho. A menina então se decepciona em não receber o filho do pai (o falo), e este fato lança a menina para que ela faça o caminho de volta à mãe. A partir daí, com o passar do tempo e a chegada da vida adulta, o pai irá ser substituído pelo companheiro, aquele que preencherá exatamente o mesmo papel desempenhado pelo pai, dando-lhe, efetivamente, um filho.

No entanto vale ressaltar que a inveja do pênis que surge na menina diz respeito a um pênis fantasiado e não ao objeto propriamente dito, representando algo que não se tem, a ausência de algo. Portanto não diz respeito ao órgão sexual propriamente dito, e sim aquilo que ele representa. O ódio gerado dessa ausência seria, de acordo com Stein (1988), “o substituto da onipotência supostamente perdida” (p. 63), onipotência esta que remete ao período arcaico.

Diante desse mesmo processo Calligaris (2005) relata que a menina ao fazer este caminho, se distanciar da mãe e se voltar para o pai, encontrará um entrave, pois o pai poderá oferecer somente a identificação ao falo. Então a menina busca na mãe todas as estratégias, todos os subsídios para obter o amor paterno, porém ela terá que se espelhar na mãe para tentar consegui-lo. Segundo Dör (1991) a mulher constrói sua feminilidade através do outro, a partir do consentimento de um outro, no caso de um homem, o desejo deste outro irá expressar se ela o possui ou não. E, no caso da menina, na construção de sua feminilidade, para se tornar mulher, ela espera encontrar no pai um olhar desejante.

Com a castração, a menina percebe que o desejo da mãe está diretamente sustentado por outro desejo, o desejo do pai. Portanto o desejo da mãe não estaria exclusivamente ligado à criança, mas também ao pai. Segundo Aulagnier (1990) a menina percebe que a mãe detém o desejo do pai e através da feminilidade da mãe irá constituir sua feminilidade. A menina utilizará sua feminilidade, constituída através da feminilidade da mãe, para assim alcançar o amor do pai.

Freud (1933/1996) analisa que a menina então esforça-se por tornar-se o ideal narcisista do pai, e que é atribuído à feminilidade maior quantidade de narcisismo. Esse processo afeta a escolha objetual posterior da mulher, de modo que para ela, ser amada por alguém será uma necessidade mais forte do que amar (Lacan, 1995).

Aulagnier (1990) ressalta a mesma questão, afirma que a mulher se coloca dentro desse enigma, como se utilizasse de um véu para encobrir sua feminilidade, numa tentativa de encobrir, velar seu desejo. A mulher portanto somente se permitiria desejar quando se sentisse amada, somente se revelando ao outro como objeto de amor e não como objeto de desejo. O que é velado neste caso seria o desejo da mulher pelo desejo do homem, pois ela não se permitiria mostrar que pode ser carente do desejo masculino. Para a mulher mostrar essa carência do desejo masculino seria ver-se privada daquilo que acreditava ter. Através do amor a mulher se cobrirá de um desejo que não é o seu, para assim mostrar-se ao olhar do homem. Diante disso a feminilidade só pode ser reconhecida por um Outro.

Embora existam trabalhos que relatam a identificação apenas no plano dos conflitos edipianos e na esfera do ideal do ego há autores que abordam uma outra perspectiva.

Segundo Freud (1922/2004) na identificação primária o sujeito e o objeto não estão diferenciados, e esta identificação faz com que ocorra a formação do ego, através da incorporação dos atributos do objeto.

Assim como Chatel (1993) e Delefosse (1995), Campos (2004) afirma existir dois momentos próprios da identificação feminina. Uma das identificações, mais constitutiva em relação ao sujeito, ocorreria na relação

primária da menina com sua mãe. Uma outra identificação ocorreria tardiamente, no período da formação do superego, no período pós-edipiano.

Ressaltando que, de acordo com a perspectiva relatada acima, a feminilidade então não se construiria através da inveja do pênis. Seriam dois momentos, um em que haveria a identificação mãe-falo em uma identificação primária e em outro momento, o ódio à mãe-mulher, a qual é possuidora do falo paterno, e como resultado a identificação com o pai (Campos, 2010).

Segundo Campos (2004) pode-se pensar na identificação primária com a mãe como uma forma de se tornar mulher e essa identificação posterior com o pai seria somente uma forma de fazer o caminho de volta para a mãe, pois a mãe buscaria no pai aquilo que ela enquanto mulher não tem. De acordo com Stein (1987) o sujeito somente irá se identificar ao falo se fizer-se falo de alguém. Portanto, para que a mulher possa ter seu próprio falo ela terá que ser o falo da mãe. E a menina, nesse processo, aprenderá com a mãe o que é ser mulher.

De acordo com Campos (2000), definir o feminino como um não-lugar, ou como uma inexistência de traços identificatórios, não seria uma concepção adequada da feminilidade, assim como igualar o tornar-se mulher ao tornar-se mãe. Ser mãe não responde a questão da constituição da identidade feminina. Ainda segundo Campos (2004), o processo que ocorre com a menina, referente à identificação e ao investimento de objeto, não se encontra satisfatoriamente estudado e teorizado.

Nesta concepção, a menina, ao sofrer a desilusão de não ser o objeto único e preferido da mãe, ou seja, ao ser submetida à castração simbólica, não se desligaria da mãe, não a abandonaria enquanto objeto de amor. Através da

identificação a mãe/falo a menina aprende como é ser mulher. Mesmo que o ódio à mãe-mulher se mostre presente posteriormente, qualquer caminho tomado pela menina a partir desse ódio, seja pela acusação ou pela demanda de amor, será caracterizado pelo retorno a mãe (Campos, 2010).

Diante desta questão a evolução da feminilidade viria a se constituir através do processo ao qual a criança renuncia ou não ao ideal fálico, a forma pela qual se submete a isso. Esse processo consistiria em um estado de luto, em uma aptidão à renúncia. Esta feminilidade se constitui através de uma busca da mulher em sua mãe, uma mãe que se encontra velada diante dos olhos da filha, esta mulher seria a mulher que a mãe foi antes de se tornar mãe. Portanto teria que, de certa forma, haver a destruição dessa mãe para que haja o reconhecimento dessa mulher (Brun, 1989).

Para Lacan (1995), a castração é igual para meninos e meninas. Ambos perdem o mais importante: o Outro. A dor e a falta que experienciam é decorrente de não serem mais exclusivos. Ambos são castrados nessa ilusão. A partir de então, irão buscar esse objeto perdido, irão buscar reconquistar esta posição primitiva de ser único e exclusivo. Dessa forma, o menino se identifica com o pai para ter a mãe. A menina não se desliga da mãe, ela fica nesta relação e se identifica com a mesma, e por essa identificação ela elege o pai enquanto objeto de amor. Menino e menina buscam o falo. A menina não busca um pênis, ou um filho, ela busca o falo, ou o retorno à posição de ser falo de alguém.

De acordo com Pommier (1991) a mulher manteria um gozo duplo, ou seja, o gozo fálico e o gozo do Outro, sendo este último o representante do retorno ao grande Outro, do retorno à mãe. "Se não se contenta em ser amada,

mas ama também, aquilo que ela ama se dirige à mãe impessoal que o ato do amor busca reconquistar. Quando um homem é amado por uma mulher, ele lhe abre um acesso enviesado à sua mãe” (Pommier, 1991, p. 53).

Analisando a questão da existência de um gozo duplo na mulher Lacan (1985) afirma também que existe um gozo suplementar, que não o fálico, sobre o qual ela nada sabe, mas o experiencia. O gozo feminino não se ocuparia totalmente com o homem, pois colocar-se no lugar da fantasia do homem é um modo de reencontrar o gozo materno, o gozo do Outro.

Para Lacan (1985), ativo e passivo não são aportes referentes a masculino e feminino. A via passiva segundo este autor caracteriza-se por se fazer objeto do desejo (identificação em ser o falo) e a via ativa em procurar o Outro (identificação pelo movimento de ter o falo). Existiria no início a passividade do gozo do Outro (para ambos os sexos) no que tange ser o objeto de desejo da mãe, posteriormente uma posição ativa no gozo fálico (também para ambos os sexos), e por fim, um retorno à passividade do Outro gozo. Este último momento definiria a feminilidade, quando a mulher se coloca no lugar da fantasia do homem, ela permite o gozo fálico dele (ativo) e retoma (ativamente) a posição de passividade do gozo materno.

De acordo com todas essas questões analisadas percebe-se que esta fase pré-edipiana, a qual a menina possui uma ligação exclusiva à mãe, possui importância muito maior nas meninas do que nos meninos.

Segundo Campos (2010) “a permanência de uma identificação primária [não recalçada] para com a mãe, na mulher, desloca a questão do valor simbólico da equação segundo a qual o filho seria o substituto do falo” (pg. 12). O filho então poderia se inscrever antes na lógica de uma negação da

castração materna, pois a menina poderia permanecer identificada à mãe-fálica sob um modo primário (Campos, 2004).

## **CAPÍTULO II**

### **A PERVERSÃO E O FEMININO**

#### **2.1. Perversão: do Desejo ao Gozo**

Clavreul (1990) relata que um ponto fundamental da castração é o da aquisição do *saber* sobre a ausência, é a aquisição de um saber que antes era errôneo. Um *saber* que tanto nas meninas quanto nos meninos é adquirido através de intensas lutas internas.

Porém, diante desse processo de diferenciação entre os sexos, deveria haver uma re-interpretação da causa do desejo, no entanto isso não ocorre no perverso. O perverso sempre terá a necessidade de transgredir leis, ele recusa a “lei” da castração tentando substituí-la pela lei de seu desejo. Como também afirma Dör (1991) o perverso sempre irá demonstrar que a única lei é a sua e que não existe a lei do outro, caracterizando assim seus traços estruturais que são o desafio e a transgressão. No perverso é a própria lei do nome-do-pai que é desafiada e depois transgredida com o testemunho ou cumplicidade de um outro, um “parceiro”. Assim sempre existirá um parceiro, o “casal perverso”, no qual existirá sempre um outro, e este outro será portador de seus segredos, pois o perverso requer o estabelecimento de pactos e de cumplicidade. O

perverso somente conseguirá manter-se nas relações na condição de que o outro venha pactuar com suas fantasias, mantendo-as em segredo (Dör, 1991).

Segundo Campos (2004) o fato do perverso querer demonstrar que a única lei do desejo é a sua poderá causar sérios prejuízos à vida do outro, pois ele tentará tirá-lo do controle e o colocará em um gozo no qual ele, o perverso, irá controlar. No mecanismo perverso a figura paterna é destituída de seu valor simbólico e o sujeito perverso impõe sua própria lei, fazendo com que exista somente a lei de seu próprio desejo. Sua lei será pautada não pela angústia de castração mas sim por aquilo que o faz gozar. Ele, portanto, desafia a vivência edípica, recusa a castração e a ausência como causa de desejo (Alves & Sousa, 2004).

De acordo com Queiroz (2004) a castração feminina produz um efeito traumático no sujeito e como consequência ocorre um registro duplo no aparelho psíquico, constata-se então a existência da castração mas se recusa a admiti-la.

O termo perversão vem da palavra latina *perversio* do verbo *pervertere*, e seu registro data de 1444. Seus significados são vários, “voltar-se para o outro lado”, “o que está fora de ordem”, “defeituoso”, entre outros (Queiroz, 2004).

Segundo Costa (1995) nos primórdios da psiquiatria as perversões eram descritas como indícios de distúrbios na economia das paixões e posteriormente a psiquiatria nomeava as perversões como patologias de ordem sexual, como sendo formas de uma personalidade degenerada. No entanto este termo ora era emitido de forma pejorativa, ora de forma a valorizá-las. Em 1987, ela foi substituída pelo termo parafilia. Porém, é uma visão

reducionista de ver as coisas, pois o sujeito é reduzido a um fetiche (pedofilia, sadomasoquismo, travestismo, etc). (Roudinesco & Plon, 1998). Portanto sob o rótulo de “perversão” são agregados vários quadros clínicos, desde as psicopatias, desvios sexuais e morais e até mesmo personalidades narcísicas (Queiroz, 2004).

Segundo o “Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais” (DSM-IV-TR) o conceito de parafilia inclui dois critérios que seriam: a) a presença de fantasias, anseios sexuais ou comportamentos recorrentes, intenso e sexualmente excitantes, em geral envolvendo objetos não-humanos, sofrimento ou humilhação próprios ou do parceiro, crianças ou outras pessoas sem o seu consentimento, ocorrendo durante um período mínimo de seis meses e b) é necessário que tais anseios e/ou fantasias causem sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo (2002). Porém segundo o CID-10 – Classificação de transtornos mentais e de comportamento (2008) as parafilias são incluídas entre os transtornos de preferência sexual e, na descrição de cada tipo, se referem a tendências recorrentes, preferências e dependência de objetos inanimados para obter satisfação sexual.

Freud, em sua Carta 39, antes mesmo de seu principal texto que contribuiu com o termo perversão (Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, 1905/2004), faz referências ao termo. Sempre citando a perversão como uma expressão de desenvolvimento normal, fazendo parte dos processos psicosssexuais de todos os sujeitos (Freud, 1896/2004).

Freud, nos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905/2004), traz uma visão mais abrangente e menos moralista. Ao se referir à sexualidade

infantil, ele evidencia desvios em relação ao alvo sexual e ao objeto como fazendo parte do desenvolvimento e das práticas sexuais adultas comuns às pessoas. Desprendendo assim da concepção das perversões como desvio sexual e as inserindo nos processos psicosexuais e na economia das pulsões. Porém, apesar de Freud tirar a perversão do campo da anormalidade e do moralismo o termo ainda vem regado de preconceitos.

Segundo Freud (1910/2004) não poderia restringir o termo sexual à procriação ou genitalidade, pois “sacrificam assim a compreensão das perversões e do enlaçamento que existe entre estas, a neurose e a vida sexual normal” (p. 43).

Várias são as perspectivas e os enfoques diante do termo perversão. Segundo Calligaris (1986) e Peixoto (1997) a perversão deve ser analisada de acordo com o ponto de vista do campo das relações sociais, da relação social do sujeito com o Outro, em que o primeiro se torna instrumento do segundo. E essa relação é estabelecida com base na cumplicidade entre ambos. Esta contribuição dada por esses dois autores ampliam a discussão do termo perverso para além dos comportamentos sexuais, sendo também estabelecida no social.

Nesse ponto, Freud (1905/2004) distingue as inversões da perversão. Segundo ele, as inversões seriam os desvios quanto ao objeto ou alvo da pulsão e as perversões seriam um desvio quanto ao fim, desvio em relação ao coito sexual propriamente dito. Além desta discriminação, ele também descreve o processo sexual perverso como fazendo parte do desenvolvimento normal da sexualidade. Ele se refere à sexualidade infantil como sendo constituída de uma perversidade polimorfa, na qual a criança desperta o prazer das zonas

erógenas em múltiplas atividades, como o prazer de sugar, reter matéria fecal e várias outras. Sendo assim sua sexualidade não se reduziria apenas ao coito, desenvolvendo esta pulsão genital posteriormente na puberdade.

Freud (1905/2004) afirma que “a disposição à perversão é a disposição geral, original da pulsão sexual, só se tornando normal em razão de modificações orgânicas e inibições psíquicas sobrevindas durante o seu desenvolvimento” (p.39). Porém a pulsão por si só não define uma estrutura perversa, ela é significada por mecanismos particulares de uma organização específica da vida sexual do indivíduo.

As manifestações da sexualidade possuem grandes variações dentro de cada cultura. O normal será relacionado de acordo com a especificidade e particularidade de cada grupo. Como indica Martins (2003), as perversões se tratam “muito mais de um signo indicador de desvio de uma norma especificada socialmente do que de uma síndrome” (p. 234). Existem muitos comportamentos dentro da sociedade que poderiam ser considerados como perversos, com a marca da passagem ao ato e de se subtrair ao olhar moral do outro. A sociedade oferta ao seu público os mais variados estímulos de excitação e sexo.

Diferentemente dos neuróticos, os perversos buscam encontrar expressão para a pulsão sexual em atos reais. Como aponta Freud (1905/2004), a “neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão” (p.157). Na neurose, atos são fantasiados, desejados; dificilmente cometidos. São como “pequenos pecados” desejados e implícitos. Como uma forma de ilustração, Martins (2003) coloca que a neurose seria o negativo de uma fotografia, já a perversão a própria foto revelada, com todo o colorido e

explicitação da cena. Enquanto os neuróticos inibem a expressão de seus desejos, os perversos buscam encontrar, “custe o que custar”, uma forma para realizá-los.

A dinâmica pulsional é fundamental à compreensão do mecanismo perverso, para definição enquanto estrutura psíquica. Segundo Freud (1915/2004) dois destinos da pulsão dizem respeito a soluções neuróticas, que seriam o recalçamento e a sublimação, e outros dois a soluções perversas, o “retorno sobre a própria pessoa” e a “inversão ao seu contrário”.

Ainda se referindo à dialética edipiana, Freud (1925/2004) explica a perversão a partir de dois mecanismos psíquicos, a “denegação da realidade” e a “clivagem do eu”. O perverso possui uma adesão singular à dimensão do desejo e da castração. O autor utiliza do termo ‘recusa’ para elucidar o processo no qual as crianças negam a realidade da ausência do pênis na mulher, nesse caso na mãe. Essa recusa só é possível à condição de uma substituição, ou seja, a realidade da falta do pênis na mãe deve ser substituída por outra, a do objeto fetiche. Essa operação imaginária só é possível a partir da clivagem do eu (ou do Ego). Para Freud, segundo Laplanche e Pontalis (2008), a clivagem é resultado de um conflito, uma divisão intrapsíquica que ocorre no sujeito. Segundo esses autores em toda psicose pode-se constatar a existência de duas atitudes psíquicas, uma que leva em conta a realidade, que seria uma atitude normal, e uma outra que desliga o ego da realidade sob a influência das pulsões. A clivagem é uma maneira de fazer coexistir dois processos de defesa, um voltado para a realidade e outro para a pulsão, sendo que as duas atitudes persistem lado a lado por toda a vida do sujeito sem se influenciarem mutuamente.

Do ponto de vista psicanalítico, na dinâmica da epopéia edipiana alguns momentos são cruciais para o sujeito, pois os empreendimentos do desejo mobilizados na relação com o falo podem favorecer precipitações de organizações estruturais específicas, como no caso aqui estudado, a perversão (Dör, 1991). Essas organizações são precipitadas a partir de reações defensivas destinadas a neutralizarem a angústia de castração. Essas construções predeterminam e orientam o curso da economia psíquica, formando as estruturas psíquicas. No caso da perversão, o sujeito só aceitará a castração à condição de transgredi-la. Ou seja, para manter suas defesas, para que a recusa se sustente, é necessário uma “prova”, um ato que lhe assegure que a castração com ele não funciona. É por isso que o fetiche, enquanto uma construção imaginária permite ao perverso, ao mesmo tempo, reconhecer e recusar a castração. De certa forma o perverso cria sua própria lei, a lei de seu desejo (Campos, 2004). Segundo Dör (1991) o perverso rege seus desejos e apetites em prol de sua realização, sem nenhuma consideração pelo sentimento de dignidade individual e de respeito a outrem.

Ao concordar que o feminino se comporta de modo diferente quando há a constatação da castração materna, já que a mesma não a interpela como ameaça, também a perversão feminina irá conotar de forma diversa da masculina, a maneira como uma e outra tomam o corpo como instrumento diferirá.

Segundo Lacan (1995), Dör (1991) e Queiroz (2002), para considerarmos a perversão na mulher teremos que admitir que a mulher não seja toda submetida à castração e, sendo assim ela não seria governada completamente pelas leis simbólicas. Na mulher existiria uma via natural aberta

à perversão e assim ela poderia ocupar o lugar de objeto a. Na perversão feminina, portanto a mulher se implicaria sempre em relação ao desejo masculino.

Segundo Perrier e Granoff (1979) a mulher pode ser fetichizada, mas não fetichista. A mulher então seria tomada como instrumento e objeto-causa da perversão, ocupando o lugar de objeto a. Porém o fato da mulher não ser fetichista não impede que ela perverta sua libido, de um modo narcísico, oferecendo seu corpo ao gozo do Outro (Perrier & Granoff, 1979 e Dör, 1991).

## **2.2. Processos Constituintes da Perversão**

De acordo com Freud (1905/2004) as manifestações da perversão estão presentes na sexualidade de todos os sujeitos, fazendo parte de um desenvolvimento normal. Porém, apesar dos esforços de Freud e outros autores, a perversão ainda é muitas vezes é conotada de modo pejorativo.

Com o decorrer de seus escritos Freud proporciona contorno maior, mais preciso sobre a perversão. Segundo Freud a perversão se estruturaria principalmente através do Complexo de Édipo. E através do Complexo de Castração o sujeito utiliza de mecanismos para tentar neutralizar a angústia causada pelo mesmo. Os traços de personalidade do sujeito se constituirão através desses processos defensivos. Na saída do Complexo de Édipo o perverso teria o processo de recalçamento diferenciado do sujeito neurótico. O perverso se recusaria a “aceitar” essa realidade, realidade da castração, negando a percepção da mãe como sujeito castrado, dando início a clivagem

do ego. Portanto na organização perversa o sujeito é norteado pela recusa e pela clivagem do ego.

Freud procura distinguir a psicose da perversão, pois ambas possuem o processo de clivagem do ego. O sujeito perverso então mantém duas concepções diferentes, uma que seria o fato da percepção da mulher como sujeito que não possui pênis e outra, a qual ele afirmaria inconscientemente que a mulher possuiria sim pênis, recusando a realidade. Ele faz o reconhecimento e ao mesmo tempo recusa, nega o fato da castração. O sujeito então imagina-se possuidor do falo e permanece na posição de único objeto de desejo da mãe, mesmo reconhecendo a castração. Nesta manifestação encontra-se um pai insignificante na condição de corte da díade e uma mãe sem falhas. A lacuna existente devido essa recusa seria preenchida com o objeto fetiche. O objeto fetiche representaria o falo materno, que entra no lugar dessa falta. A diferenciação entre perversão e psicose seria que este último o que foi recusado é restaurado através do delírio, já o perverso cria e atua uma ilusão.

Segundo Clavreul (1990) uma particularidade da perversão consistiria no fato de que para o perverso não seria a falta a causa do desejo mas sim a presença, o objeto fetiche. Portanto para o perverso existe a necessidade de transgredir uma lei, ele recusa a lei da castração para tentar substituí-la pela lei de seu próprio desejo.

Autores como Granoff e Perrier (1991), Rosolato (1990) e Perrier (1967) propõem o fetichismo como paradigma teórico importante na compreensão dos mecanismos perversos.

Corroborando com as concepções de Freud, Lacan destaca que a perversão deve ser abordada a partir do complexo de Édipo, porém analisa a existência de uma relação primitiva com a mãe, fundamental na construção de traços estruturais. Essa relação primitiva seria a relação mãe/criança, na qual a criança experimenta o falo como objeto de desejo da mãe. Lacan (1995) afirma que a relação criança-mãe-pai-falo constitui o núcleo para as significações do sujeito e conseqüentemente nos processos constitutivos dos traços estruturais do perverso.

O perverso, no intuito de manter a ilusão de ser o único objeto de amor da mãe, submeterá, entre outras coisas, sua sexualidade a um jogo que visará: conter explosões de ira e impulsos assassinos ou suicidas diante da mínima ameaça de perda narcísica; controlar a angústia de castração, tentando reafirmar a todo o momento de que a mesma não traz sofrimento; permanecer com a ilusão de ser o falo materno; controle e domínio do objeto. O perverso tenta reafirmar que a castração não traz dor e que é reparável, transformando sua angústia em sua condição de vida sexual, portanto seu sofrimento é transformado em gozo.

De acordo com essa questão, Dör (1991) afirma que o desafio e a transgressão são traços estruturais presentes no sujeito perverso. O perverso irá reconhecer somente sua lei e irá impô-la ao outro, como se reconhecesse a Lei-do-Pai, mas irá tentar desafiá-la e mostrar que não é um limite para ele. Diante da percepção que não seria o único objeto de desejo da mãe a criança irá tentar seduzir ao máximo a mãe, caracterizando o Desafio. Já a transgressão seria a percepção da criança na falsidade da mãe quanto ao corte, como se ela fosse a primeira a transgredir a lei.

De acordo com todas as perspectivas apresentadas no presente trabalho sobre as concepções da diferenciação entre os processos psicossociais da menina e do menino ocorreria uma diferenciação também quanto a perversão. Aulagnier (1990) afirma que um dos destinos possíveis da feminilidade seria a perversão. De acordo com Queiroz (2004) a perversão na mulher se constituiria através da perversão de sua libido. A mulher então necessitaria de tornar-se objeto exclusivo e indispensável ao outro, se submetendo ao prazer desse outro.

Segundo Campos (2010) vários estudos clínicos comprovam a existência seja de traços ou “componentes” fetichistas, no feminino. Esta mesma autora propõe algumas formas que evidenciam esta questão. Uma delas poderia ser presenciada na relação mãe-bebê, na qual a mãe projeta no bebê a falta – ausência. Outra forma de existência de um “componente fetichista”, na mulher, seria no fato de se assujeitar ao prazer dos fetichistas. Uma relação “devastadora entre mãe e filha” e o “desejo irresistível de ter um filho” em mulheres que possuem dificuldades em tê-lo também seriam consideradas como traços ou “componentes fetichistas” existentes no feminino.

Portanto a mulher não poderia ser inserida dentro de uma estrutura fetichista mas sim haveria a possibilidade da existência de uma vertente perversa e fetichista. “Nas mulheres, a relação com o objeto libidinal será a base para a construção da ‘estrutura fetichista’” (Campos, 2010, p. 306).

A estrutura perversa nas mulheres consistiria em um fetichismo da relação mãe-filha e não da construção de um objeto-fetichismo como no gênero masculino. Assim, a mulher, no caso da perversão, se encontra fixada em um

gozo fálico e portanto apresentaria os mesmos traços estruturais que podem estar presentes na perversão masculina (Campos, 2010).

O presente trabalho tem como objetivo analisar a presença de traços estruturais perversos em uma jovem mulher e discutir como a dinâmica perversa se estabelece na subjetividade feminina.

## **CAPÍTULO III**

### **PERVERSÃO, ESTRUTURA, POSIÇÃO OU MANIFESTAÇÃO?**

Segundo Dör (1991) esta “formação” perversa pode ser atribuído o estatuto de Estrutura, porém surge daí um obstáculo, identificar o funcionamento perverso em seus traços e sintomas. O autor ressalta a dificuldade em identificar os “sintomas” já que seus traços possuem algumas semelhanças com a neurose obsessiva e a psicose.

De acordo com Campos e Carrer (2008) atualmente a presença da questão narcísica é inquestionável, sendo que seus mecanismos são extremamente valorizados, e perante a perversão, possui grande relevância. Para Freud (1914/2004) o narcisismo primário é comum a todos porém não se pode afirmar esta mesmo questão sobre o narcisismo secundário.

O narcisismo primário se caracteriza pelo fato da pulsão ser investida às próprias partes do corpo, se tratando de uma satisfação auto-erótico. Segundo Freud (1914/2004) neta fase, ocorre o narcisismo recém-renascido por parte dos pais, nos quais estes projetam nos filhos todas as expectativas.

Portanto a progressão para o narcisismo secundário ocorre quando o investimento libidinal retorna para o eu. Quando a criança percebe que a mãe deseja outro e não a ele, o objetivo da criança será fazer-se amar pelo outro, porém isto será possível somente através da satisfação de certas exigências, as do ideal do eu (Nasio, 1995).

Freud (1914/2004) afirma que o ideal do eu, substituto do narcisismo primário perdido, impõe condições à satisfação da libido por meio de objetos.

O desenvolvimento do eu consiste então na entrada do indivíduo no narcisismo secundário, e isto ocorre principalmente pelo Complexo de castração (Freud, 1914/2004). Segundo Campos e Carrer (2008), a partir deste processo só será possível para o sujeito se experimentar através do outro, “instala-se o reconhecimento de uma incompletude que desperta o desejo de recuperar a perfeição narcísica” (p. 891).

De acordo com Campos e Carrer (2008) a castração vivenciada, tanto na fase primária na qual a criança se encontra fusionada à mãe e percebe que a mãe desvia seu desejo para outro lugar que não o próprio bebê, quanto na etapa em que o bebê é frustrado em sua tentativa de se identificar com o falo materno pela percepção de que o pai é quem ocupa este lugar, são constituintes do núcleo estruturante da subjetividade. A castração vivenciada nestas duas fases são constituídas como tais “pois desencadeia um processo em que o indivíduo se percebe imperfeito, incompleto, que precisa do outro, ou seja, busca no outro aquilo que lhe falta” (Campos & Carrer, 2008, p. 893).

Segundo Zimerman (1999) a presença da imposição da lei pelo pai, promovendo a castração, e a discriminação do objeto pela criança, reconhecendo o pai na relação mãe-criança, é extremamente importante na constituição da subjetividade. De acordo com este autor o enrijecimento da posição narcísica, diante da posição de triangulação, pode provocar estado de ilusão em busca de uma completude, negação das diferenças, busca de fetiches, entre outras. Este sujeito usará o outro como objeto para seu prazer, eliminando-o quando este não mais o servir.

A lógica perversa na mulher envolve o processo de identificação, a identificação como internalização dos atributos do objeto. Nesse processo a

lógica do Ser é trocada pela lógica do Ter, possuir o objeto e permanecer na posição de falo do Outro, instalando seu gozo.

Contudo, ao falarmos sobre perversão vem à tona a discussão sobre a classificação da perversão que seria uma Estrutura, uma Posição ou Manifestação. Freud (1905/2004), assim como Dör (1991), já mencionavam a semelhança da perversão como Estrutura com outras formas de manifestação, como a neurose e a psicose, portanto há de se ter cuidado ao se analisar essa questão.

Para poder ser discutida essa questão é necessário a análise de três perspectivas. Assim, para Freud (1927) poderia existir “manifestações perversas” em outras formas de subjetivação como a neurose obsessiva ou psicose. De acordo com esta perspectiva não seria necessário definir a perversão como uma estrutura, ela seria uma “dupla posição”, condição em que ao mesmo tempo em que reconheceria que a mãe não tem o falo também negaria esta condição. Uma das perspectivas seria postular a perversão como um “estado provisório”, em que o sujeito poderia de fato não ser um perverso mas poderia estar se assujeitando à práticas do tipo perverso. Seria um campo de manifestações e não uma estrutura (Campos, 2010).

A outra perspectiva aparece como a idéia de “posição”, a qual o sujeito poderia desenvolver episódios perversos em um determinado período. Campos (2010) cita o exemplo da psicossomática, na qual uma “estruturação instável ou precária do conflito neurótico criaria condições para, em momento de crise, um retorno a formas arcaicas de satisfação pulsional” (p. 303), como que fixadas em etapas pré-edípias.

Porém a terceira perspectiva seria a de adotar a perversão como Estrutura, seria então uma forma de obtenção de prazer de certo modo “fixada”, constante. Esta forma de subjetivação seria um modo de inscrição do sujeito na função fálica e se manifestaria por “traços estruturais”. Portanto nessa perspectiva o sujeito seria governado por uma trajetória estereotipada, esses traços estruturais formariam indícios que testemunhariam a economia do desejo. Segundo Dör (1991) a proposta da perversão como Estrutura possibilitaria o diagnóstico diferencial e o direcionamento do tratamento.

Contudo, diante dessas perspectivas são necessárias algumas condições para a análise do sujeito. Segundo Dör (1991) a escuta deverá priorizar o saber nosográfico e as racionalizações causalistas, adotando sempre uma perspectiva diagnóstica diferencial e buscando manter o diagnóstico sempre em construção, para não tentar enquadrar o sujeito em uma determinada classificação.

De acordo com Campos (2004) a noção de “traços estruturais” nos é bastante útil, pois autoriza o uso de critérios diferenciais de compreensão da perversão colocando em xeque a forma de estruturação. Abrindo assim, “o caminho para problematizar como o sujeito, sendo ou não estruturalmente perverso, se acomoda a uma posição, uma economia do desejo do tipo perverso” (pp. 10). Portanto a identificação de traços perversos também não significa que estamos diante de uma Estrutura clínica perversa.

Assim como Queiroz (2004), Campos (2004) assinala que existem perfis estruturais diversos, e que cada perfil se caracteriza pela junção de certos traços estruturais específicos que formam uma Estrutura clínica.

Considerando o debate intenso sobre a questão da perversão o presente trabalho retrata um caso clínico, surgindo daí questionamentos e reflexões a respeito da questão. No intuito de refletir mas principalmente de aguçar questionamentos posteriores.

## **CAPÍTULO IV**

### **TRAÇOS ESTRUTURAIS DA PERVERSÃO NO FEMININO:**

#### **ESUDO DE CASO CLÍNICO**

##### **4.1 Construção do Caso Clínico**

Para Freud (1937/2004), o trabalho do analista consistiria em uma “reconstrução”, semelhante à escavação feita por um arqueólogo. Nesta reconstrução o analista extrairia suas inferências a partir dos fragmentos de lembranças, das associações e do comportamento do sujeito na análise. Esta construção decorre do ato de indagar dentro de um processo de exploração, no qual o analista possui papel ativo no processo de resgate do passado do analisando. O trabalho de escavação consistiria, ao analista, quando algo surgido no discurso do analisando fizer questão ao analista e o instigar a produzir novos dispositivos, novas ferramentas. A clínica psicanalítica então seria uma intensa atividade de pesquisa, na qual trabalham juntos, analista e analisando.

Com base na clínica psicanalítica, a pesquisa do presente trabalho relata o atendimento clínico, em consultório, de uma mulher adulta. As sessões clínicas realizadas foram reconstruídas para que pudessem retratar os elementos significativos, “desvelando” assim os processos emocionais fundamentais da personalidade da paciente.

O trabalho de análise visa induzir o analisando a abandonar as repressões, no qual ele é levado a recordar certas experiências e os impulsos

afetivos por ela evocados. A clínica psicanalítica propõe ao analisando a obediência à regra fundamental de falar tudo o que lhe vem à mente, da maneira mais livre associativa possível (Queiroz, 2004). A tarefa do analista consiste então em construir juntamente com o analisando traços outrora esquecidos. Assim como o arqueólogo reconstrói decorações e pinturas a partir de restos encontrados, o analista também faz uma reconstrução quando extrai inferências a partir de fragmentos de lembranças, associações e comportamentos do sujeito na análise.

O analista, neste caso, pode acolher o discurso do paciente deixando-se modificar por sua impressão. Como afirma Queiroz (2004) o clínico aprende o dialeto estrangeiro de uma língua familiar, vai se tornando um interlocutor íntimo possibilitando a manifestação do recalcado.

No presente trabalho casa sessão foi reconstruída, após seu término, pelo analista. Estas foram descritas a partir de sua impressão sobre as recordações trazidas pelo analisando, buscando ao máximo seus detalhes e aquilo que este trazia durante as sessões.

No método Psicanalítico o analista precisa recorrer a uma reflexão para além daquilo que é observável pelo fato do psiquismo não ser observável diretamente, o analista então não recorre ao paradigma positivista.

O clínico e pesquisador possuem como instrumento a escuta, podendo dessa forma identificar o dito e o não dito do sujeito, reconstruindo juntamente com ele sua história e sinalizando a constituição do seu sofrimento psíquico. De acordo com Del Volgo (1998), na formação do sintoma ocorre a elaboração, a construção de uma nova realidade, porém esta vem deformada. Portanto o inconsciente se revela, de maneira deformada, manifestando essa lembrança

recalcada na expressão do seu sintoma. No entanto não se deve realizar diagnóstico baseados somente nos sintomas pois estes, por si só, não definem a estrutura de personalidade do sujeito (Bergeret, 1998).

O processo analítico se desenvolve a partir da relação entre o analista e o analisando, revelando a dimensão subjetiva do paciente através de seu discurso. De acordo com Freud (1912/2004), cada indivíduo teria, através da ação de sua disposição inata juntamente com as influências sofridas durante os primeiros anos, um método específico de conduzir-se na vida erótica. A transferência, processo que se configura na relação analítica, se manifesta na forma pela qual o paciente vivencia com a pessoa do analista todos os elementos que constituem seu psiquismo, suas relações objetais e representações. O trabalho então consistiria em tornar a libido acessível à consciência e assim útil a realidade, pois as lembranças recalcadas poderiam ser liberadas a partir da repetição na transferência com o analista. Possibilitando assim a integração de inconsciente e consciente, imaginário e real, presente e passado, através das interpretações, reconstruindo a história do sujeito.

A transferência seria uma abertura a uma fala plena e autêntica oriunda devido à regra fundamental que garante seu desenrolar. O analisando possui uma abertura para a transferência pelo fato de se colocar na posição de se confessar e buscar sua verdade no limite, que se encontra no analista (Del Volgo, 1998). No entanto não seria a “sedução” do analisando e vice-versa, mas sim suas falas e o seu poder evocador (Gori, 1998). A palavra se revela por seu poder evocador e as lembranças evocadas fazem com que a análise seja comparada à uma sobreimpressão na qual reemprega-se o mesmo filme e

as novas imagens da análise vêm se imprimir sobre as imagens antigas da vida. Ressalta-se que a construção das sessões se forma, mais do que emerge, na situação de análise.

Este elemento seria indispensável no processo analítico, através disto os conteúdos surgidos na relação ressoam na pessoa do analista. Estes sentimentos experimentados pelo analista, originados desta relação, orientará a construção da história do analisando, das interpretações, definindo assim a conduta do processo analítico.

## **4.2. Caso Clínico**

A analisanda, jovem de classe média baixa, solteira e tinha 31 anos quando deu início aos atendimentos, mas apresentava ter menos devido sua maneira de se vestir.

Ela relatou ter sido indicada por uma Psicóloga, com quem fez terapia por três meses e que mudou de cidade, para procurar atendimento na Clínica em que eu atendia. Afirmou ter feito uma consulta psiquiátrica anteriormente, na qual o profissional receitou uma determinada medicação, porém afirma não se lembrar o nome, pois decidiu “*por conta própria*” não tomá-los.

Quando procurou pela primeira vez atendimento psicológico disse ter sido por chorar muito a todo momento, “*do nada começava a chorar, não importava onde eu estava*” (sic), então uma amiga falou para ela fazer psicoterapia para tentar melhorar essa situação. Porém quando ela chegou à clínica se queixava que tinha problemas de relacionamentos, que estes seriam “não correspondidos”. Disse porém que naquele momento se tratava de um

relacionamento com uma garota que conheceu pela internet. Afirmou que havia visto a garota somente pela web cam de seu computador e que havia alguns meses que a garota não conversava mais com ela, pensou ser porque começou a dizer que queria conhecê-la pessoalmente. A paciente disse que criou muitas expectativas e fantasias diante do fato da garota ter dito que ainda era virgem, imaginou que a garota teria com ela sua primeira relação sexual. Como a garota não mais se correspondia com ela, começou a pensar que não conheceria outra pessoa, que este era seu único amor.

A queixa referida na primeira sessão persistiu durante as demais, como tema recorrente.

A analisanda relatava com riqueza de detalhes, suas relações amorosas e práticas sexuais, mesmo nas primeiras sessões, fato não muito freqüente. Demonstrava em sua fala um desejo imperioso de falar sobre o gozo, tentando colocar o gozo em palavras.

Relatou seus “casos amorosos” e o modo como se relacionava com cada um, suas experiências sexuais até o momento. Principalmente suas expectativas e desejos com relação ao encontro com o outro, que muitas vezes não eram somente um outro mas sim “outros”. Dizia que geralmente não conseguia olhar para uma pessoa, masculino ou feminino, sem pensar na relação sexual e afirmava sempre pensar em sexo. Narrava desde a descrição dos passos da sedução à descrição detalhada do ato.

Sobre sua família, afirmou que morava com seus pais e irmão e que tinha duas irmãs que não residiam com eles. Durante as sessões ela relatou a more da irmã, que ocorreu durante o processo. Destes relacionamentos qual mais enfatizava era o convívio com o pai. Dizia que quando criança apanhou

muito, trazendo um sentimento de rancor e recordou de algumas vezes em que desejou matá-lo ou que ele morresse de alguma forma. Se referia ao pai de maneira repugnante como “gordo e nojento” (sic).

Seus relatos oscilam de um extremo a outro, da agressão a um estado de desamparo, demonstrando durante as sessões e em casa com comportamentos de trancar-se no quarto e chorar.

A angústia vivenciada em algumas sessões puderam demonstrar o quanto a ameaça de castração era vivida como uma presença quase real e constante.

Freqüentemente relatava que sentia-se uma pessoa maltratada pela vida, inúmeras vezes comentou em se sentir mártir e também de ser perverso. Relatou que imaginava “Deus e o Diabo jogando xadrez” (sic), permeando entre o sagrado e o profano. Diante de seus relatos ela demonstrava viver com muito exagero e excesso, de viver beirando os limites tanto seus como dos outros. O risco aparecia como uma constante em sua vida, como o fato de ter vários parceiros sexuais e marcar/encontrar com pessoas conhecidas virtualmente.

A analisanda permaneceu em análise cerca de um ano e seis meses, sendo que sua continuação não foi possível devido minha mudança para outra cidade. Ela foi encaminhada para outra Clínica porém não obtive informações posteriores.

Ressalta-se que cada analista é afetado pelo discurso do analisando de forma diferente e através do posicionamento deste, adotado na escuta, suscitará percursos diferentes, se expressando no trabalho pessoal e até mesmo na produção de pesquisa. Lembrando que a reconstrução das sessões

se trata de um coser de retalhos e o analista acaba deixando sua impressão como parte do mesmo.

A seguir serão descritas as sessões que foram realizadas com a jovem mulher, ressaltando que estas foram reconstruídas após o término de cada atendimento.

#### **4.2.1.**      *1ª sessão:*

A paciente tem 31 anos mas possui a aparência de 20 anos. Veste uma calça jeans, uma blusinha colorida, tênis, cabelos curtos e um piercing no queixo. No consultório começou a falar. *“Meus namoros sempre não são correspondidos”*.

Começando a lacrimejar nesse momento. Ela começou a falar de seu último relacionamento: *“Estou muito angustiada. Começo a ver um filme e começo a chorar, no trabalho começo a chorar, choro a todo momento. Meus relacionamentos são sempre dessa forma, não correspondidos. No último, conversava na internet com uma menina, não havia a conhecido pessoalmente, só através da web cam. A menina falava que tinha conhecido um rapaz, mas mesmo assim ela disse que queria me conhecer, então a menina sumiu do orkut, do msn, e não respondia mais meus e-mails. Os meus relacionamentos são sempre com meninas mais novas do que eu. A menina me falava para eu acordar e mesmo assim eu mandava e-mail. E agora a menina não está mais correspondendo comigo e eu estou sofrendo muito pois a menina não está mais se correspondendo comigo. Acho que um pouco desse sentimento é porque a menina disse que nunca tinha tido relações sexuais, apenas namorou um menino mas que não*

*chegou a ter relações. Eu comecei a fantasiar isso. Acho que a menina, quando se casar, lembrará de mim, mas ao mesmo tempo me pergunto porque ela lembraria. A menina é de uma família importante, seu pai é desembargador, e acho que a família dela nem sabe de sua relação comigo. Fico com muita raiva ao pensar que a menina está seguindo sua vida e eu não consigo desvincular desse relacionamento, penso que poderia fazer algum mal a ela, por vingança, colocar um filme dela na internet. Sei tudo da vida da menina, vi até em um site o telefone do pai dela. Um amigo me incentivou a fazer algo de mal com ela, mas eu não tenho coragem, somente se ela fizer algo primeiro. Eu vejo uma novela que fala o nome da cidade da menina e lembro dela. Nós nunca nos encontramos. Eu queria me encontrar com ela e foi nesse período que a menina sumiu de mim. Não me responde mais, eu mando e-mails para ela mas ela nunca responde, isso desde novembro”.*

Como foram seus outros relacionamentos? *“Meus relacionamentos são sempre assim. Eu só tive três relacionamentos com homens, porém acho que somente um pode ser considerado como bom. Não consigo ter prazer com relações sexuais, só sinto prazer quando me masturbo ou quem estiver comigo o faz, mas isso é normal, conversei com umas amigas e com elas também é assim. Tenho ódio de homem”.*

Como é a sua relação com os seus pais, com a sua família. *“Eu moro com a minha mãe, com uma irmã, uma sobrinha e o meu pai. Tenho um irmão mas ele já está casado e mora em outra casa. Tenho muita raiva do meu pai. Por eu ter muita raiva de homens uma amiga até me perguntou se eu tinha sido abusada por algum homem e eu disse que não. Acho que é*

porque o meu pai me bateu muito quando criança. O meu pai já me passou muita vergonha, uma vez ele me bateu com um chinelo no rosto na frente do meu tio, o que me deixou com muita raiva. Eu tenho as vezes vontade de matar o meu pai, vontade de esfaqueá-lo. Fiquei um tempo sem morar com o meu pai, quando tinha uns vinte anos, mas depois logo minha mãe começou a visitar o meu pai e mudamos de novo para a mesma casa. Meu pai era muito bagunçado, a casa sempre vivia um lixo quando eles não moravam juntos. As vezes dá vontade de conversar com o meu pai, pedir desculpas, mas logo eu mudo de idéia, e me pergunto se estou ficando louca. Não me sento no sofá se ele estiver vendo tv, tenho um pouco de medo dele. Eu tenho uma irmã que está envolvida com drogas e por isso não tenho contato com ela. Isso é culpa dos meus pais, pois tudo que acontece um pouco é hereditário ou por culpa deles. Tenho muito medo de ficar sozinha, comecei a pensar nisso de uns tempos para cá, desde dos meus 29 anos. Não sei o que é pior, se é ficar sozinha ou viver com um homem. Quando eu estava me relacionando com um homem eu não pensava em me casar e não queria ter filhos, o homem achou que eu era louca. É muito difícil encontrar uma mulher para se relacionar. Quando eu tinha uns vinte anos eu saía muito, colocava meu nome em sites de relacionamentos. Mas quando eu saía só homens chegavam até mim e as mulheres já estavam acompanhadas, aqui em G. (cidade) é muito difícil pois não existem muitas mulheres com o mesmo interesse que o meu. Os homens não estão afim de um relacionamento sério mas eu também não estou disposta a agüentar homem. Quando estou ficando com um homem ele tem que me buscar em casa e se atrasar meia hora eu já não o espero.

*Mas com mulher já é diferente, eu insisto até se a garota não quiser. Tenho essas crises todas as vezes, sempre acontece isso de eu não ser correspondida”.*

*Você já havia procurado fazer psicoterapia alguma vez? “Já fiz terapia quatro meses. Uma amiga me indicou para fazer terapia, por causa de ficar chorando. As vezes eu bebo bebidas alcoólicas e sinto vontade de morrer. Eu tenho remédios que a minha psiquiatra receitou e quando bebo sinto vontade de tomá-los. Mas eu não seria capaz de me suicidar porque, mesmo não seguindo nenhuma religião, acredito ser um pecado imperdoável como está na Bíblia. Queria alguma coisa que eu tomasse e esquecesse essa menina, é muito difícil esquecer”.*

*Como foi seus relacionamentos anteriores? “Tive um relacionamento passado que não foi difícil esquecer, a menina não quis mais, fiquei muito triste mas consegui esquecer. Gosto de gente bonita, mas essa menina era gorda, gostava dela mas toda vez que eu pensava nela vinha o pensamento de que ela era gorda. Eu não gosto de pessoas gordas”.*

#### **4.2.2. 2ª sessão:**

*Lembro-me nesse momento que me disse que seu pai era obeso e que também tinha raiva dele. A paciente, durante a sessão, relatou muitas informações e quase não pude perguntar nada. Ela falou a sessão inteira. Falou-me sobre uma viagem para B (cidade estrangeira). “Uma amiga me chamou para ir para a B. Eu pensei em ir para ver se arrumo dinheiro, para ter um carro, uma casa, e lá eu teria a companhia dela. No começo, algum tempo atrás, eu fiquei com raiva desta amiga, fiquei com raiva de mulher.*

*Pois essa amiga morou um tempo comigo, eu cheguei a ficar na casa dessa menina, a menina tinha um irmão e ela achou que eu estava a traindo com o irmão. Começamos a brigar constantemente uma com a outra, chegando até mesmo a agressão física. Ela partia para cima mesmo, um dia na casa dela nós brigamos, puxando o cabelo uma da outra, essa menina era muito bruta. Já o meu namoro com homens só foram três, o primeiro começou quando eu tinha uns 28 anos, até então eu não tinha ficado com homem. Mas não era bom, saía com ele Mas não fazia muita questão, era ruim de cama e o pênis dele era pequeno. Nós acabamos terminando porque eu não fazia questão de ficar com ele e ele não queria um relacionamento sério. Então não interessava para mim. Homem é só um acessório, serve só para cama e se ele nem estava servindo para isso então eu não queria. Tive um outro que até achei bom o relacionamento com ele, mas se ele quisesse que eu saísse ele que tem que vir me buscar. No relacionamento com essa menina era tipo o primeiro amor, eu nunca vou ter outro igual, hoje estou sozinha, não tenho ninguém. Eu tenho um amigo gay e ele arruma namorado e eu não, fico sozinha e não arrumo ninguém. Mas também não quero arrumar qualquer pessoa, ficar por ficar também não quero, porque é muito vago isso. Eu perdi um pouco a vontade de sair”.*

O que você faz durante o dia, para ocupar o seu tempo? *“Queria fazer caminhada, mas coloco todos os dias o relógio para despertar, ele desperta mas eu fico sem vontade e volto a dormir. Fico quase todo o dia dentro de casa, não gosto de sair nem para comprar comida, de vez enquanto eu vou no supermercado mas fora isso não faço nada”.*

Como era sua relação com os homens desde pequena? *“Eu sempre esnobei os homens. Quando eu era criança tinha um menino que mandava recadinho para mim, mas falava que era um amigo dele. Eu não respondia os recados e chegou um dia que o menino chegou em mim e disse que era ele mesmo quem estava escrevendo. Eu o tratei muito mal e ele também me tratou mal, fiquei sem-graça depois com isso, mas resolvi deixar para lá. Algum tempo depois, na adolescência, eu achei um menino da escola bonito, mas eu não ficava pensando nele, em como seria beijar, só o achava interessante. Já o gostar de menina foi desde cedo. Perguntei ao homem que eu estava ficando se ele fazia as mulheres sentirem prazer quando estava com ele pois eu disse que eu não estava sentindo prazer. Eu sinto prazer somente quando me masturbo. Eu saía com um homem que não me masturbava. Saí com um outro que não gostava de fazer sexo oral, ele me perguntava se eu já tinha saído com outras mulheres, se elas tinham um cheiro estranho, então eu disse que ele já devia ter esta experiência por estar incomodado com isso”.*

Como é a sua relação com a sua mãe? *“Tenho uma relação muito aberta com a minha mãe, conto tudo para ela com relação a meus relacionamentos”.*

#### **4.2.3.** 3ª sessão:

Ela começou a falar que ela tinha saído nesse final de semana. *“Me senti com se fosse uma E.T. (extraterrestre), todos queriam dançar e se divertir e eu queria ficar sentada.*

*Não consigo mais sair e me divertir, quando saio eu não estou gostando de dançar. Nesse dia um amigo ficou comigo sentado, que também gostava de ficar mais quieto”.*

*Começou a falar sobre suas fantasias sexuais. “As pessoas pensam muito em sexo”. São as pessoas ou é você? “Na verdade acho que sou eu quem penso. A menina, do meu relacionamento recente, disse que era virgem, e eu estava sonhando para tirar a virgindade dela. Sonhei com isso. Vejo muitos filmes pornôs”. Qual é a frequência? “Uma vez por semana, ou em um dia e no outro também. Gosto dos filmes em que tem duas mulheres usando algum acessório. Eu sonhava em tirar a virgindade da menina”.*

*Pensei então que parecia que ela tinha uma grande angústia em não ter pênis, que seria uma grande frustração para ela. “Eu já venho para o consultório angustiada, sei que vou falar coisas que eu não gosto de falar, pelo menos não com outras pessoas. Não gosto muito de filme pornô com homem não, gosto quando tem duas mulheres. Mas eu tenho uma fantasia com dois homens. Nas conversas que eu tinha com a menina cheguei a perguntar como seria a menina me ver com outro homem, mas a menina pareceu não gostar”.*

*Você tem mais ciúmes de homem ou de mulher? “Eu sentiria mais ciúmes de um homem, pois sinto como se estivesse competindo com ele. E a mulher não. Uma vez eu estava na internet e comecei a conversar com um homem e ele me chamou para ficar com ele e com a namorada dele, eles marcaram em um posto e eu fui. Mas o cara era deficiente físico, ele era muito esquisito, era muito feio, acabei ficando com a menina e o homem só ficou olhando, ficando meio que para escanteio”.*

Como você se sente se dando para alguém que você nunca havia visto? *“Não cheguei a ficar com o homem, mas com a menina eu fiquei. Parece que eu não sou igual a todo mundo, igual as pessoas normais, quanto a sexo”*.

Percebi que em toda relação, mesmo sendo com mulher, ela quer colocar homem no meio, dentro da relação. *“Tem uma menina que fala palavras feias, como pau, e eu não gosto”*. Porque, você não fala a palavra pau? *“Falo, mas não parece ser tão feio como essa menina fala”*.

E quanto ao ciúme? *“É, eu gosto mais de homem do que dela”*. Se referindo a menina com quem tinha se relacionado recentemente, depois, como que concertando, disse: *“Não, eu gosto mais de homem do que ela”*.

#### **4.2.4.** 4ª sessão:

Sentou-se e perguntou: *“Tudo bem?”* Começou a falar em seguida. *“Acho que não sou normal. Estou me sentindo muito sozinha, não arrumo ninguém e não quero homem, não quero namorar com homem”*.

Disse muito que não quer homem. *“Acho que não sou normal porque não consigo arrumar ninguém, todo mundo arruma alguém e eu não consigo arrumar ninguém. Acho que vou ficar sozinha para o resto da vida. Estou com 31 anos e até agora não arrumei ninguém. Mas ao mesmo tempo eu não quero ficar com ninguém, não quero homem, homem é um acessório, não serve para nada”*.

Pergunto: como é o convívio com sua mãe, com relação a esses assuntos? *“Minha relação com a minha mãe é aberta, desde que comecei a gostar de garotas eu disse para a minha mãe. A minha mãe disse que isso*

*era uma coisa normal, que até mesmo ela, quando era adolescente, estudava em um colégio de freiras e tinha se apaixonado por uma freira. A minha mãe disse que era uma coisa normal de adolescente. Disse que com o tempo passa. Eu contei para a minha mãe que gostava de meninas mas agora eu já não conto mais o que acontece comigo e com meninas, eu falo de encontros com homens, mas só com relação a homens. Eu não chego contando, mas quando surge o assunto eu digo que tenho um encontro com algum homem”.*

*Como é a sua relação com o seu pai? “Tenho muita raiva dele, a minha mãe sofreu muito, queria ser igual a ela, dar a volta por cima, não ficar triste. A minha mãe fala que eu sou muito parecida com o meu pai, e eu não gosto de me parecer com ele. No período em que nós, eu e a minha mãe, não estávamos morando com ele a casa era um lixo, eu tinha até vergonha de chamar alguém para ir para lá, tinha uma vizinha que nem entrava na casa, por causa de tanta sujeira”.*

*Porque dói tanto ser parecida com o seu pai? “O meu pai não presta, ele é muito sujo, não toma banho, veste roupas sem tomar banho e coloca um quilo de perfume.*

*Em seguida falou muito da própria aparência. “Quando era mais nova tive muitas espinhas, que deformou um pouco o meu rosto, minha pele é toda manchada, meu rosto, minhas costas. As pessoas chegam a perguntar o que é, se foi acidente ou queimado. Acho isso muito ruim, as pessoas exageram. Depende muito do meu espírito, as vezes acordo mal, as vezes acordo de bem comigo mesma, me sentindo bonita. Sou muito preocupada com o que as pessoas acham de mim, não gosto de sair na rua porque*

*parece que as pessoas ficam me olhando. Cheguei a perguntar para um amigo se ele se importava, se ele se sentia mal em se levantar para ir ao banheiro em um bar, ele disse que também não gostava”.*

Fiquei então me perguntando, ela disse que não gosta que as pessoas a olhem quando se levanta mas suas relações são praticamente todas de exibicionismo. Começou falando que gosta de ver filme pornô mas não gosta de ver cenas de homem beijando mulher. Porque você se maltrata tanto? *“Com relação a quê”?* A tudo. Ela começou a lacrimejar e disse: *“Não sei. Acho que tenho problema e tenho que fazer terapia para o resto da vida”.*

Como foi sua primeira relação sexual? *“Minha primeira relação sexual com homem foi aos 29 anos. Depois disso fui um dia para um barzinho com um amigo, lá eu conheci um homem e, eu e esse homem, fomos para uma construção de um prédio abandonado, íamos fazer sexo mas ele não tinha preservativo, fiquei com muita raiva e fomos embora. Outro dia fui com um garoto para um terreno baldio mas tinha um homem na sacada de um prédio olhando, eu fiquei sem graça e ele também daí fomos embora. Esses dias eu estava olhando um site de garotas de programa, tenho fantasia de ver duas namoradas, eu pagaria só para ver, difícil não acontecer nada, mas pagaria” (...)* *“O meu pai é um vagabundo, se não fosse gordo trairia a minha mãe. Tenho dúvidas se gosto de sexo com homem. Parece que não fico afim de homem, fico afim do pênis dele. Chego a ter raiva, nojo de homem. Antes de entender que não gostava do meu pai eu já não gostava de homem. Minha mãe, quando ficou separada do meu pai começou a sair com um cara, mas ele era casado, acho que a minha mãe gosta dele, eu*

*gostava dele mas não gostava do fato dele ser casado. Minha mãe disse que não gosta de sexo, acho que puxei a ela. As pessoas tentam achar uma causa para a homossexualidade. Me acho problemática”.*

*E você tenta achar uma causa? “Não, penso muito, chego a ficar cansada. Cansei de ficar sozinha. Sinto-me bem quando saio daqui. Parece uma droga, mas passa o efeito. Sinto-me bem, mas depois vem tudo a tona, fica do mesmo jeito” (...) “Conversei com a minha mãe quando eu disse para ela que eu era sapatão e ela falou como se tivesse de esconder das outras pessoas. Teve uma época que fiquei com raiva de mulher, tive uma amiga que era muito barraqueira” (...) “Acho que a S. (companheira recente) está muito bem, me enganei com ela, acho que ela também gostava porque parecia que queria algo, fiquei com raiva porque achei que ela me traia.” (...) “Será que as pessoas ouvem lá fora o que eu falo? Acho que falo alto”.*

#### **4.2.5.** 6ª sessão:

*(...) O que é respeito para você? “É quando uma pessoa está com outra e não fica com mais ninguém”. O que significa estar com alguém? “Quando está namorando. Quando está namorando e a outra pessoa quer realizar alguma fantasia e a outra concorda, daí tudo bem. Não sei se depois rolaria ciúmes, mas acho que se rolasse não teria como expressar, pois eu teria concordado antes. Os homens são diferentes e possuem outra criação, diferente das mulheres. Desde criança recebem tratamentos diferentes. O menino toda hora põe o pênis para fora, balança, esmaga, a mãe dá beijo, e a menina se senta com as pernas abertas já dão bronca. Um dia meu irmão fez xixi em mim e nas minhas irmãs. O garoto é levado*

*para o cabaré. Eu acho que a minha mãe tem vergonha de mim, por eu ser homossexual. É porque a minha mãe vê cenas entre mulheres na TV e fica com nojo, uma vez eu iria chamar um amigo gay para viajar com a minha família mas a minha mãe disse que não seria bom porque a cidade era pequena e as pessoas falavam muito. Não gosto mais de sair”.*

Parece que aquela era uma fase e agora você tem que buscar outras coisas de que você gosta. *“Concordo. Algumas vezes eu fui a uma boate e achei que as pessoas estavam tristes e estavam se enganando estando ali, fingindo estarem alegres, mas vi que não eram os outros mas sim eu que estava triste. Eu até pensei em me matar dentro da boate. Quero parar de falar sobre Deus para as pessoas. Porque elas ficam falando, principalmente os crentes, que Deus vai me castigar. Mas não adiante nada eu não falar mas ficar pensando. Deus vê os meus pensamentos. Estou até pedindo melhoras em minha vida para Ele, é a única tentativa que me resta.”*

#### **4.2.6.** 8ª sessão:

Ela chegou e começou a dizer: *“A minha vida é uma bosta, eu não pedi para nascer. Acho que nem eu e nem a minha irmã pedimos para nascer, nós duas tivemos uma vida que é um lixo, meu pai não vai com nossa cara, não sei o porquê”.*

E como você pode falar que a sua irmã também não poderia nascer. *“Acho que ela não gostava da vida dela, ela fugiu de casa e usava drogas, minha vida é um pouco diferente porque eu agüento viver na casa dos*

*meus pais e não gosto de drogas. As pessoas morrem, eu não me esqueço”.*

*Deveria esquecer? “As pessoas poderiam esquecer de mim. Deus não é bom, é como um jogo de xadrez, ele vai jogando com as peças. As pessoas que estão presas merecem morrer, eles nunca vão se redimir, o trabalho que é feito com eles, como até mesmo o trabalho das psicólogas, não adianta para nada, elas deveriam estar prestando serviços em outro lugar, para ajudar pessoas que não cometeram nenhum crime, como eu. A vida é muito injusta. Para quê ter momentos felizes se depois eles acabam. Quando eu passo por esses momentos eu fico pensando que já vai acabar. O meu relacionamento com a J. (ex namorada) foi assim, eu esperava o dia que iria acabar. Não sou como as outras pessoas, muitas já me falaram para aprontar com o vídeo da J., mas não tenho coragem, só estou ainda com ele porque não consegui desvencilhar. Tenho algumas fantasias e eu as contei para uma amiga minha e ela me chamou de depravada. Concordo com isso, mas pelo menos só penso isso, e existem pessoas que fazem. Não sei se o julgamento para que essas fantasias não se realizem vem das outras pessoas ou de mim mesma”.*

*Quais são essas fantasias? “É de fazer sexo com um estranho lá em casa, com dois homens e com um casal, sendo que desta vez eu também ficaria com o homem”. Parece que durante a sessão você tem falado mais em homem do que em mulher. Ela riu e disse: “Não sei o que acontece, não tinha reparado. Não sei o porque eu não gosto de homem, não sei se é por causa de eu não gostar do meu pai. Já senti muito tesão por homem, teve uma época que pensei que eu estava possuída”. Riu. “Gostava de meninos*

*mais novos, de dezoito anos. Em um barzinho o meu amigo ficou afim de um garoto e eu fui chegar nele, vi ele com outra menina e chamei ele para outro lugar, nós dois saímos e fomos para um terreno baldio, ele pegou em mim e eu peguei nele, mas ele estava sem preservativo, ele quis que eu fizesse sexo oral nele, mas eu grilei e eu disse para ele que era por isso que as mulheres viravam lésbicas. Ele me perguntou porque e eu disse que além disso ele era burro. Outra vez fui para um terreno mas tinha um homem olhando e nós dois ficamos sem graça. Já cheguei até a ir no A (parque ecológico) de madrugada, isso é coisa de puta. Desse jeito vou acabar sendo atriz de filme pornô ou prostituta, pelo menos pagariam para isso. Homem não serve nem para dar prazer. Já tentei de tudo, já fiz tudo com homem mas não adiantou, mas com essa experiência eu posso fazer essas coisas com mulher, usando um adereço e sentir prazer. Já cheguei a assistir a tudo quanto é filme pornô antes de sair com um homem, ficava prometendo para mim mesma que transaria várias vezes, mas cheguei lá e foi péssimo e só dei mais uma vez porque eu tinha prometido.”*

#### **4.2.7.** 9ª sessão:

*“Pensei no que eu disse na sessão passada a respeito de não gostar de homens por causa de não gostar do meu pai. Acho que não tem nada a ver porque desde bem pequena eu sentia atração por mulher, sentia atração pelas coleguinhas da escola. As vezes tenho sonhos estranhos, como transando com um homem, sem rosto, sem nada, só com o pênis dele. Também sonho que eu tenho um pênis e estava transando com uma*

*mulher, e eu gozava como se fosse homem, como acho que seja o orgasmo do homem". (...)*

**4.2.8.** 12ª sessão:

*(...) Será que realmente você quer mudar? “Não sei. Penso em ficar só deitada. A minha mãe fala que eu faço as coisas aos poucos, eu cochilo nos ônibus, minha cabeça fica muito dolorida. Eu fico só cobrando, acho que o que está faltando é ação. Ficar reclamando é fácil. Eu saio e pareço invisível ou arrumava aqueles trem doido. De alguma forma eu me condeno”. Você critica o que? “Fazer sexo para me satisfazer, como se fosse uma busca por prazer. O sexo seria como se fosse uma válvula de escape, para preencher o tempo”. Por que foi frustrante? “Alguns homens ficaram me enrolando, com homem gosto de ser direta. Excito com algumas coisas, mas com homem só a penetração”. O que é não aceitar? “Ficar fugindo, com homem não é igual a fantasia que tenho. Quase sempre vejo um filme em casa antes de me encontrar com um homem, fico muito excitada mas quando estou com um homem acaba não sendo do jeito que imaginava. O homem sempre está satisfeito. Eu faço os mesmos comentários que os homens mas eu os critico, só não tenho a cara de falar e meter a mão. As vezes eu vejo uma pessoa na rua e fico imaginando como ela seria fazendo sexo. Sexo grupal se eu estiver de fora eu critico, não gosto de ver”.*

Você fala que foge mas se assume? *“Fujo de homem”.*

Pensa em homem quando? *“Só em relação a sexo, já a convivência*

*penso em mulher. Todo exemplo de homem é ruim". Você acha que é por causa desses exemplos? "Não é isso. Não preciso fingir nem esconder nada de ninguém, eu consigo viver sem. A bissexualidade significa não ser resolvida, ser promíscua, talvez eu seja pior. Fico pensando, será que uma pessoa vai me aceitar?"*

Depende de cada um, você levou a vida inteira para adquirir, não será de uma hora para outra que você deixará de ser algo que é. E desta vez não vamos olhar no final do livro (em uma sessão ela disse que não tinha paciência de ler um livro inteiro sem saber o final, que começava o livro e tinha que ler as últimas folhas para saber o final para depois conseguir ler o livro inteiro.

#### **4.2.9.** 14ª sessão:

*"Eu estava ali na sala esperando para entrar aqui e peguei uma revista justo de ressurreição. Estou tendo sonhos muito intensos, entro em estado de pânico em ver velório, fico sempre em casa. No sonho falava para a minha mãe não velar ninguém. Tinha um caixão em cima da minha cama e eu tinha medo de abrir o caixão e ver o defunto". Você tinha medo de quê? "Medo do defunto e de que eu morra. No enterro da minha irmã peguei nas mãos e no rosto dela, mas não consigo tocar mais nas roupas que eu usei. Parece superstição".*

E o que ficava fazendo no PC? *"Fico no MSN, em sites de relacionamentos, baixo filmes. Em G. (cidade onde mora) não tem ninguém para mim, por isso eu me iludo com os de fora. As vezes penso em sair, mas chega a noite e desisto".*

Será que você quer sair mesmo? *"Devo adorar minha casa. Não estou*

*gostando de sair com homens". Você costuma sair com pessoas de que faixa etária? "Gosto de mulheres de 14, 26 até 31, depende. Converso muito com mulher casada também. Tenho que olhar e gostar, senão não quero. Acho que mulher casada que procura outra mulher enjoou de pinto. Só conheço mulher vagabunda".*

*"Tem mulher que vai e transa com qualquer um, eu ainda me seguro". Segura de que? "De ir, quase não estou saindo. A idéia de transar com homem é melhor. Um objeto é melhor". E a outra pessoa? "Ele parece não se importar. Eu não vou até ele, se ele quer sair comigo tem que fazer um esforço, pelo menos ir me buscar".*

*Quando vocês estão juntos você se importa com a outra pessoa? "Eu fico preocupada se foi bom. Eu chamei algumas vezes para sair, mas foi brincando. Tenho muitos pensamentos e fico confusa quanto a isso. Parece o filme Mentis brilhantes, vou ter que me conformar". Com o que? "Com as idéias, as coisas ruins. Antes eu me revoltava por algo ruim mais do que hoje. Acho que Deus se entristeceu com o homem e quer destruir a todos". Não seria porque você vive com mais intensidade as coisas ruins? "Eu me alegro com coisas bobas, fico alegre quando marco um encontro. Penso que no fundo todos nós procuramos alguém".*

#### **4.2.10.** 15ª sessão:

*Andei sonhando que o meu pai morria, dava uns trimiliques e morria".*

*E o que você sentia? "Não sei, é estranho, pois a minha mãe, já a algum tempo vinha falando que eu iria sentir falta dele quando ele morresse. O meu pai é muito ignorante. Tenho uma prima que o meu pai acha uma vagabunda".*

E o que você acha que seu pai acha de você? *“Não sei, eu vivia falando mal dele para a minha mãe, mas minha mãe disse que ele não falava de mim. Uma vez ele disse que ele preferiria que eu ficasse em casa, bebesse uma cervejinha com eles do que ficar na rua. Minha família é toda esquisita, a minha prima que o meu pai falou que era uma vagabunda, é uma galinha. Me lembro das surras que levei do meu pai, tem uma que não me lembro o motivo, perguntei para a minha mãe recentemente mas ela também não se lembrava. Uma vez até que ele teve razão, mas não precisava ser a ponto de bater daquele jeito. Eu estava na porta da rua conversando com uma amiga minha e ele mandou eu ir jogar milho para as galinhas e eu fiquei enrolando e continuei conversando com a minha amiga, então ele veio e me bateu. Toda a minha família é estranha, e até mesmo eu, que não sei se sou homossexual, lésbica. Não sei se quero ser homem ou mulher. Homem dá vontade só quando vejo filme pornô, não vejo um homem na rua e imagino transando com ele, mesmo que ele seja bonito”.*

E com mulher você sente isso? *“Sim, com mulher eu penso em namorar, gosto do toque, do beijo, agora homem eu acho muito chato para namorar. Tive relacionamentos com três homens, e só com uma mulher que gozei, pois ela fez sexo oral, e também tinha um certo tempo de namoro. Só sinto prazer me masturbando”.*

E qual a diferença entre sexo e namoro? *“O sexo é aquilo e pronto, o namoro tem a companhia. Para explicar tenho que contar os detalhes. Alguns homens não gostam de sexo oral, fazem por obrigação, não é a coisa mais bonita mas quando vê já fez. Não sou de fazer frescura na cama, acho que também é por isso que os homens me chamam novamente”.*

O que você imagina que eles pensam de você? *“Quando eles perguntam o que eu acho eu falo, falo que não foi bom, que senti dor, etc, só não disse que o pênis de um era pequeno, mas sempre falo a verdade. Eles são muito inseguros e sempre perguntam, e eu falo, pois eles estão ali para fazer só isso mesmo. Perguntei o que eles pensavam uma vez, mas eu sei que sou boa de cama. Não fico com homem feio, ou barrigudo, já encontrei com muitos casais, mas sempre me encontro com eles na condição de que eu fique só se gostar. Os homens com quem saía quase não tinham assunto, ficava pensando que talvez até me acostumaria com o sexo dele. Homem gosta é de boca e daquilo, gosta mesmo é de um boquete, e travesti tem tudo que eles gostam, boca e dá a bunda”.*

#### **4.2.11.** 17ª sessão:

*“Faz duas semanas que não vejo a garota com quem eu vinha saindo”.* Durante toda a sessão senti que ela estava confusa com tudo que estava acontecendo, até mesmo em muitos momentos me perdi, não sabia se ela estava falando dela ou da garota com quem estava ficando. Reparei também que muitas vezes eu perguntava algo, como o que ela sentia, e ela começava a falar sobre outras coisas e acabava por não responder o que lhe era perguntado.

*“A garota falou em namorar comigo, mas parece que eu não quero, não tenho certeza. Encontrei-me três vezes com a garota e no final da semana, no domingo, a garota disse que iria me ligar, mas não ligou. Não entendo minha atitude já que não me sinto apaixonada, porém fiquei de mal humor o dia todo. O único motivo para ela não ligar seria ela ter morrido. No outro dia ela se*

*explicou e disse que a avó tinha morrido”.*

*E porque você não liga? “Não porque ela foi quem disse que iria ligar”. Não estou percebendo nenhum investimento seu para o relacionamento, um relacionamento exige investimento de ambas as partes. “Percebo isso quando ela me chamou para sair e ela se atrasou, eu disse para ela que se quisesse não precisaria mais ir”.*

*“Agora eu tenho vergonha de certas coisas que antes não tinha. Quando sai com ela eu fui em um bar GLS no C (bairro), mas não pudemos entrar porque ela era de menor, então fomos para uma cervejaria. Bebemos algumas cervejas e depois fomos encontrar com o J. na rodoviária, quando fomos embora pegamos o mesmo ônibus, então a garota pegou em minha mão. Nesse momento senti excitação mas também vergonha. Antes saía e ficava com qualquer um, beijava e não tinha vergonha”.*

*“Gosto muito de estar com ela, sinto algo, um medinho, toda vez que vou me encontrar com ela. Nunca transamos, no último dia em que nos encontramos fomos para um Motel, mas não fizemos nada, passamos a mão e passou o tempo. Tenho vergonha de tudo, tenho vergonha de pedir carona”.*

*“É engraçado, mas quando eu faço sexo não tenho vergonha, parece que quando eu e outra pessoa estamos pelados estamos livres de críticas e preconceitos. Quando estamos de roupas estamos cheios de preconceitos. Nada, é engraçado, só em casa e na hora do sexo é que não tenho vergonha. A garota não quer transar ainda. Eu disse para ela que com homem ela foi rapidinho e perguntei se ela tinha nojo quando pensava em fazer sexo oral com mulheres. Ela disse que não e eu disse que então era menos mal, porque existem pessoas que até fazem mas tem nojo. Eu disse para ela que também*

*achava estranho nas primeiras vezes. Queria ver ela todos os finais de semana, pois não tenho nada para fazer, mas o pai dela não deixa ela sair muito e as vezes a coloca de castigo”.*

*“Ela é muito otimista, faz planos de morarmos juntas, mas não tem como essas coisas darem certo”.*

#### **4.2.12.** 19ª sessão:

*“Quando me sinto bem, nos dias em que estou bem fico pensando que parece que não preciso mais de terapia. Porém as vezes fico muito noiada com algumas coisas, tenho uma idéias muito loucas. Uma vez a D. (namorada) foi até a minha casa e quando foi embora era um amigo da sua mãe que iria buscá-la no terminal. Fiquei muito desconfiada e disse para ela como que ela andava com os amigos da mãe dela e perguntei se a mãe dela sabia”.*

Como você se sente desconfiando de alguém? *“Fiquei com muita raiva e desconfiei muito dela, ela some, às vezes passa a semana sem falarmos uma com a outra, porque também o pai dela muitas vezes a coloca de castigo se ela sai”.*

Quantos anos ela tem? *“17, ela fica fazendo muitos planos e eu não participo dos mesmos, por exemplo, a D. fala que logo vão poder se ver sempre e morar juntas e disse que queria ter um neném. Eu achei um absurdo, perguntei para ela como nós teríamos um bebê e ela disse que poderíamos fazer uma inseminação artificial”.*

A paciente relatou em meio a risos o trecho anterior. *“Com relação às desconfianças não sei o que é pior, se namorar ou ficar sozinha”.*

*“Me sinto confusa com minhas idéias. Sinto ciúmes de D. com outros*

*homens mas com mulher não”.*

Parece que você tem medo da D. pensar as mesmas coisas que você pensa, os pensamentos e as fantasias que tem. *“Tenho muitas fantasias com homens e com mulheres nem tanto. Quando vejo um homem eu penso em agarrá-lo e mulher não. Quando vejo um homem desconhecido tenho vontade de agarrá-lo, tenho essas fantasias quando alguém vai arrumar alguma coisa lá em casa, fico imaginando qual seria a reação dele, o que iria pensar. Quando estou no ônibus meio vazio e que tem um homem sentado perto penso o mesmo. O melhor seria uma pessoa desconhecida, pois não penso em fazer isso com ninguém conhecido, penso em vendá-lo para que ele não me veja e não me julgue, então eu o agarraria e faria tudo”.*

Parece-me que você tem medo de que a D. pense o mesmo. *“Você leu os meus pensamentos. Gosto de estar com ela e não é porque não tem sexo, é porque vou terminar, pois a D. disse que eu teria que esperar uns dois anos até fazermos sexo. Mas não é só por causa disso que é ruim, tem também os pais dela. Não sei o que é mais chato, eu ficar enchendo alguém por causa da desconfiança ou não me importar”.*

Como você denomina o relacionamento de vocês? *“Estamos namorando. Tenho muitas idéias absurdas, acho que não bato bem da cabeça, tenho muitas idéias sobre sexo, fico pensando isso o dia todo. Acho que não é normal. Talvez tenho que pensar que Deus fez as coisas certas, homem gostar de mulher. Porque mulher com mulher é só festa”.*

Você pensa assim? *“Não, mas a D. pensa assim. Talvez eu até agüentaria um homem para poder não ficar sozinha”.* Por que agüentar, tolerar? *“É isso que acontece, até com a minha mãe, sei que a minha mãe*

*suporta o meu pai em nome do casamento”. Mas você não tem que agüentar. “Não entendo porque sofro tanto, porque sei que não amo a D.”.*

*“Fico pensando em quando terminar tudo, pode até durar”.*

Poderíamos começar a ver o significado das palavras, e entendo o seu “pode até durar” como uma possibilidade de durar ou não, e não como um término certo. Além de conhecer seus limites há que perceber que em uma relação existe um outro, e que este também tem sentimentos. *“Não me acho normal porque faço coisas que uma pessoa normal não faria. Falei para a D. de minhas experiências com casais e ela ficou um pouco escandalizada. Penso muito em homem, imaginando que seria bom uma relação sexual. Mulher casada não eu não estou nem aí, fico mesmo”.*

#### **4.2.13.** 20ª sessão:

*“Não agüento mais ficar com vontade de chorar toda hora sem motivo. Tenho vontade de morrer, aí acabaria com tudo de ruim, já que de bom tem poucas coisas mesmo”.*

*“Não me contento com nada, nem me conheço. Sempre estou insatisfeita, queria um banheiro no meu quarto, fizeram, mudei a janela do meu quarto, comprei uma TV maior, mas não está bom”.*

*“Não sei se quero namorar, tenho muitas desconfianças para com a minha companheira. Não me importo com a diferença de idades, já que tenho 32 e a D. 17, mas ela sonha muito, tem muitos planos. A D. me chamou para ir a uma trance, mas ela disse que era 80 reais. Eu não pagaria esse preço para ir em um lugar desses, um antro de drogas. Cú de drogado não tem dono. Não vou de jeito nenhum, eu gosto é de Hause, mas nem assim eu iria para o meio*

*do mato para escutar. Falei para a D. ir já que ela queria muito mas que depois seríamos apenas amigas. Duvido que ela vá e que se uma menina bonita der em cima dela ela não fique. Não sei como ela gosta dessas coisas”.*

*Como você era quando tinha 17 anos? “Eu nem saía de casa porque a minha mãe não deixava, comecei a sair quando tinha 18 anos, e aí sim eu gostava de sair. Eu disse para ela que a minha irmã morreu porque pegou pneumonia devido não ter mais organismo para isso. Ela disse que não vai usar drogas e eu disse que então ela iria beber até ficar louca como os outros. Penso que se também ela for aprontar ela fará isso em qualquer lugar. Não sei se quero namorar, é difícil dá para continuar”.*

*Realmente sem dá fica difícil para você continuar não é mesmo? “Como?” Sem sexo fica difícil para continuar com esse relacionamento. “Não estou namorando só por causa de sexo, se fosse assim eu ficaria cobrando dela o tempo todo. A gente vai para o Motel e nem a blusa eu tiro da D.. Meu amigo perguntou por quê, já que não tem sexo, nós vamos para o Motel e eu expliquei que é por não termos privacidade, porque na rua não podemos nos beijar, se pegarmos na mão os homens já arregalam os olhos, e até mesmo só da gente conversar já sabem. Estávamos falando de irmos na boate, e que poderíamos arrumar alguém para ficar com a gente, eu disse para ela que só se fosse para ficar com nós duas, falamos sobre como gostaríamos. Eu disse que preferia que fosse alguém desconhecido, que de preferência nunca mais veria, já ela disse que poderia ser alguém conhecido. Daí fico pensando que a D. fica pensando essas coisas”.*

*Parece-me que quem quer isso é você, e talvez seja você quem não está preparada para um relacionamento sério. “Eu fui quem começou a idéia*

*mesmo, mas acho que não quero terminar, vivi um tempo sozinha e sei como é, não quero isso”.*

#### **4.2.14.** 23ª sessão:

*“A D. disse que talvez seria melhor nós só ficarmos porque estávamos brigando demais, e talvez assim brigaríamos menos. A D. está enganada se ela estiver pensando que eu vou aceitar ela ficar com outras pessoas. Não sei o que sinto, tenho certeza que não morro de amores por ela mas gosto da companhia, acho que também tenho muito medo de ficar sozinha. Não tenho ninguém, não tenho nada de bom, e tenho medo de que a D. desista de namorar comigo, porque todo mundo desiste de mim. Tenho até medo de falar as coisas porque penso que a pessoa não vai querer me ouvir”.*

O mesmo ocorre aqui? *“Não, aqui eu falo tudo. Não sei o que acontece comigo, tenho muitos ciúmes dela com outro homem e com mulher parece que não é a mesma coisa. Às vezes que eu fiquei com homem parece que eu me sentia culpada. As meninas que foram criadas com homem é normal quererem homens, e quem foi criada mais com mulher quer mulher”.*

Não entendi sua colocação. *“Eu sinto muito tesão em pensar mas na hora da relação dói, não sinto prazer. Deixei de sair com o R. porque eu acho que ele tem o pênis pequeno e eu não sentia nada, com o R. machucava, não sei porque”.* Você tem penetração com mulheres, com objetos, acontece a mesma coisa, sente dor e não prazer? *“Tenho que dizer?”*

Fiquei calada e ela começou a falar. *“Nunca usei nenhum objeto, só introduzo o dedo. Não sei se acontece o mesmo, parece que homem não sabe fazer direito. O R. era até carinhoso. E não era falta de falar, falava como que*

*ele deveria fazer, não sei nem como eles não ficaram com raiva. Tenho vontade de morrer, não tenho nada que eu gosto, e não tenho ninguém. Quando estou em casa fico entediada, vou dormir mas não consigo.*

#### **4.2.15.** 24ª sessão:

*E como é ter um pai e saber quem ele é? “Não sei o que é pior. Não estou preparada para isso. A D. fala muito sobre isso, será que ela pensa em estar comigo no futuro? A D. falou que tem vontade de me ver com um homem, e a S. (ex namorada) já tinha me dito isso, fiquei com raiva. Eu não gostaria, sou doente de ciúmes, começo a criar coisas. A D. já passou por coisas feias, morro de medo de descobrir alguma coisa e ter que largar a pessoa. Eu acho que a D. gosta de mim, não sei direito. Não gosto dos mesmos programas. Eu poderia até sugerir algumas coisas, tenho idéias doidas, penso em sexo, nunca que ela iria entender isso, minha cabeça é podre, não são os outros, sou eu. Tem o negócio de pesar a consciência”. Como é isso? “Chego a ficar excitada mas não faço. Se eu estivesse sozinha acho que eu teria coragem. Até quando eu me agüento?”. Aguentar o quê? “Sem fazer essas idéias. Até achei bom ela falar que queria me ver com homem. Eu posso até fazer, mas ela não, e não pode ser bonito. Feio magricelo e pintudo. O engraçado é que ela tem ciúmes de mulher, traiçoeira, cobra. Eu preferiria que ela não tivesse essas idéias. Eu não sei se faria”. E você ainda tem dúvidas? “Tenho. Eu pensava que eu não iria chegar perto de um homem e olha onde estou. Nunca penso em mim, sempre jogo nos outros, mas acontece é comigo. Mas a mente dela não é inocente. Talvez ela pense assim porque não ama. Às vezes quero*

*chegar e fazer tudo o que quero em relação a sexo. Às vezes acho feio os filmes pornôs. A relação sexual com duas pessoas tem uma cumplicidade, mas com três não”.*

*Você julga isso errado? “Acho que sim, julgo errado, mas tenho curiosidade”. Porque você julga errado? “Porque não envolve sentimentos. Às vezes penso que homem não gosta, não sofre, as vezes acho que sim, talvez eles não sejam seres humanos, talvez eu seja um homem, sem sentimentos. Mesmo que eu pense assim, entre pensar e falar é diferente. Homem é tão porco, vê a mulher como um bicho. Homem bonito não faz assim. Se eu fosse homem eu iria pensar assim de uma mulher? Como coisa? Objeto?”*

*É diferente por quê? O que é diferente? “A maneira de pensar e falar. Tem mulher que gosta de ser objeto, talvez eu me encaixe aí, não chegar a ter sentimento em ambos os lados. Tem momento que pensava que o outro podia gostar. É muito confuso o que se passa na minha cabeça. O que é melhor? Ficar com uma pessoa e viver tranquilamente, mas será que eu ficaria tranqüila?”*

#### **4.2.16** 28ª sessão:

*Ela chegou e se deitou. E disse: “Parece que nada dá certo, tudo acabava dando errado, todos os meus relacionamentos não dão certo. Eu tava conversando com uma prima pela internet e ela disse que eu parecia ser bissexual, por ter ficado com homens e com mulheres, falou que ela (prima) nunca teve vontade de ficar com homem. Minha prima disse que odeia homem e que não pensa de jeito nenhum neles, que eles são todos uns cachorros, vagabundos”.*

A paciente disse que relatou suas fantasias sexuais para a prima, disse a ela que: *“Querida “atacar” um homem no banheiro da minha casa por exemplo, e minha prima disse que eu era ninfomaníaca, que eu sou louca de ficar pensando essas coisas. Naquele momento eu achei engraçado, mas fiquei muito confusa. Nem sei quem eu sou! Eu fico pensando que todo mundo fica pensando em sexo o tempo todo, mas ao mesmo tempo acho que esse é um pensamento só meu.*

A paciente disse que ela é muito imatura, disse que não sabe como algum dia ela achou que poderia dar certo esse relacionamento. Disse: *“No dia dos namorados eu fui até o colégio da D. para entregar um presente, eu entreguei e recebi um dela, uma cartinha. Isso é coisa de adolescente, cartinha é coisa de namoro de adolescente. A D. falou que está confusa, acho que ela está confusa pensando se gostava pouco ou muito. Na conversa que eu tive com a D., ela disse que estava confusa, que não sabia se queria namorar ou não, disse que não agüentava mais os meus ciúmes, que não agüenta mais ser controlada. É horrível não saber quando ela vai ligar, e se vai ligar, mal nos vemos. Tentei pressioná-la de todas as formas para ela assumir que estava junto com o ex, pensei que talvez ela assumindo fosse melhor. No domingo fiquei bebendo cerveja com a minha mãe e chorando, meus olhos ficaram inchados de tanto chorar”.*

*“Falei para D. que senti tesão quando ela pegou na minha mão, antes da gente ter ficado. Não sei se é mais amor ou atração física. Fico pensando que se já tivesse acontecido a relação sexual talvez eu me sentiria melhor em terminar. Acho que seria melhor se já tivesse tido relação sexual com ela, seria mais fácil. Ela não se deixa tocar mas toca as outras pessoas, a D. fala que ela*

*demorou seis meses para ter relações com seu ex e que comigo também iria demorar”.*

Disse que na discussão com D. disse que queria sumir, e D. disse que ela sempre dizia isso: *“Eu falei para ela que era por isso que eu não colocava ninguém no mundo, para que ele não passasse por isso tudo. É melhor morrer, porque assim eu não passaria por nada disso. Tudo que parece estar dando certo acaba”.*

Perguntei quais eram as coisas que estavam dando certo e acabaram. *“O trabalho é uma dessas coisas e o namoro com a D. também. Eu propus para ela só ficarmos, mas ela disse que não queria. Chamei ela para esperar o ônibus no ponto, e eu chamei a D. para sentarmos juntas, eu chamei ela para ir para outro lugar e D. disse que não poderia ir naquele momento, somente no outro dia. Eu disse que no outro dia não poderíamos, porque eu não queria mais falar com ela. Eu estou confusa, não sei se digo que não quero mais e não falo mais com D. ou se eu fico com ela, sem um compromisso sério. Fiquei o dia todo escrevendo e apagando mensagens no Orkut dela, não sei que decisão tomar. Parece que as mulheres não se interessam por mim, as vezes penso em namorar um homem só para ter sexo, eu consigo pensar em homem somente como um objeto sexual, não penso neles como uma companhia”.*

#### **4.2.17.** 29ª sessão:

*(...) “Tenho vontade de continuar ficando com D. e quando acontecer a primeira relação sexual, deixá-la. Como pode existir uma pessoa que fala que sente saudades, que gosta, e que agora não sabe o que quer?! Eu gosto dela”.*

Então perguntei se ela fizesse isso, de deixá-la depois de ter relação

sexual, se estava fazendo mal à ela ou a D., pois me parecia que estava fazendo mal a ela, já que havia dito que D. parece não gostar dela. *“Vai fazer mal à D., já que antes ela dizia que eu estava querendo namorá-la apenas até conseguir o que eu queria, ter sexo com ela. Então seria uma espécie de vingança, sou uma pessoa bastante vingativa. Não sei mais o que estou falando. Tenho uns sonhos estranhos. Sonho com pessoas que já morreram, com minhas tias, minha irmã. Minha prima disse que sonhava com alguma coisa mordendo ela no pescoço, apertando os seus punhos, e depois que ela contou eu também tive esses sonhos. Parece sonho e parece real”*.

#### **4.2.18.** 30ª sessão:

*“Não. A D. falou que eu sou muito ciumenta. Mas eu só tenho ciúmes e sou muito desconfiada, mas eu nunca fiz nada de mais, nunca segui ela, nunca fui à escola dela ou ao trabalho. Descobri recentemente que na mãe dela tinha telefone, mas a D. disse que antes não tinha, então não tinha como eu falar com ela enquanto estava lá. D. conversou comigo um pouco no MSN, mas que ela estava no trabalho e falou que estava em horário de almoço e que estava com muito trabalho, que não poderia ficar muito tempo. Mas depois que eu me passei por amiga dela para outra amiga, para perguntar o que elas tinham, se tinham algum relacionamento além da amizade, depois disso não nos falamos mais. Tenho muito ciúmes do ex namorado dela, que ele além de ser muito bonito, gostaria que a D. me amasse como ela amava ele”*.

Eu perguntei como ele a amava. *“O jeito que ela fala que era parece que ela gostava dele, parecia um amor ideal. Ele é muito bonito, e quando conheci a D. ela também falou que me achou muito bonita. Ela vive me falando que eu*

*sou muito bonita, inteligente e pra frente, mas não acho que sou assim, me acho feia. Comecei a agir assim desconfiada, depois que namorei com a Lu, antes eu não era assim. A D. não foi uma pessoa por quem eu senti uma atração no primeiro momento. Quando fomos pela primeira vez no bar, a D. sentou do outro lado da mesa e eu sentei com o J. do outro lado. Depois de algum tempo foi a D. quem pediu para que o J. trocasse de lugar com ela. E depois, quando saímos do bar é que a D. foi e pegou na minha mão. Nunca pensei que a D. iria me dizer que estava em dúvida, confusa em saber se gostava ou não, pensei que era uma questão de gostar pouco ou muito, e não de não gostar”.*

#### **4.2.19.** 32ª sessão:

*Ela chegou e começou a falar. “Vi um programa na TV, um desses programas besta, vi uma psicóloga que disse que algumas pessoas repetiam as coisas da vida. As coisas que acontecem em minha vida também parece se repetir. As pessoas dizem que as pessoas são homossexuais foi porque foram abusados pelo pai, ou sofreram alguma desilusão com homem. mas eu sempre fui assim, sempre gostei de meninas, às vezes eu achava algum menino bonito, mas atração mesmo sentia por mulher. Quando eu era criança eu esnobava os meninos”.*

*Perguntei que idade ela tinha. “Não me lembro. Não me lembro de nenhuma desilusão com homens, para associar ao fato de ter me tornado homossexual, e nem de ter sido abusada pelo meu pai. Quando eu era criança, costumava brincar de casinha com as minhas amigas e certa vez eu e uma amiga estávamos brincando na área de casa (disse que sempre morou quando*

*criança, praticamente no pátio do Cepaigo), estava brincando com a minha amiga de boneca e uma era a esposa e eu era o marido, então fomos para a cozinha e eu agarrei a minha amiga atrás da geladeira, a empregada pegou as duas, não me lembro o que a empregada disse mas me lembro somente que paramos de brincar. (...) Eu não pego homem casado, mas mulher casada tudo bem. Tem mulher, que era minha colega na época da escola, que era muito bonita, que na época ela namorava a muito tempo um homem que era professor, um homem horrível, namoraram muito tempo, ela era virgem e o homem insistiu com ela para ter relações sexuais, ela não quis e eles terminaram, depois disso a mulher começou a ter relações com mulheres, e ela estava me perguntando como que foi comigo. Capaz que eu vou ter que ficar com homem, só para ter sexo. Vejo o homem como tendo uma obrigação de dar prazer a mim e já as mulheres não vejo assim. Quando me decepcionei com mulher comecei a ficar com os dois homens, e não sei o que faço agora, se saio ficando com todo mundo ou não. Sinto as vezes tendo 16 anos, até a minha prima briga comigo, eu exagero na paixão. A minha prima até me disse que eu pareço que estou mais assim, sofrendo por causa que ainda não tive a D.. Dá vontade de morrer, fico pensando quero morrer, quero morrer, me acho uma pessoa entediada”.*

Perguntei o que era uma pessoa entediada. “Uma pessoa que só fica em casa, vendo TV, dormindo”. Então eu disse que parecia ser bom ser uma pessoa entediada. “As pessoas dizem isso, que normalmente as pessoas gostariam, porque estas pessoas trabalham a semana inteira e gostariam de estar em casa não fazendo nada no fim de semana. Qualquer tipo de trabalho já é ruim. Fui tomar banho e sai do Box e fiquei pensando para que que eu comprei um Box tão caro para um

*banheiro que é um cubículo, que eu fico gastando dinheiro a toa. Quando estou em casa, por alguns segundos até me esqueço de que tenho tanto ódio do meu pai. Acho que o meu pai não sabe o porque eu tenho tanto ódio dele, não é possível que alguém aja assim sabendo. Quando ele precisa de dinheiro e a minha mãe sabe que eu tenho, empresto para ele sem-problemas. Não tem nada, empresto de boa. Sinto atração pela D., mas ela não é bonita”.*

#### **4.2.20.** 34ª sessão:

*Ela chegou e depois de alguns instantes começou a falar. “Sou muito mal-humorada, não tenho vontade de conversar com ninguém na maioria das vezes”.*

*Então eu perguntei se ela achava ruim ser “mal-humorada”. “Eu não gosto, não fico feliz por qualquer coisa, sempre ou eu acordo feliz ou tomo uma cerveja pra mudar de humor. Sempre que tomo cerveja eu mudo de humor. Falei com a D. na quinta feira e ela me pareceu mais empolgada. Ela não mandou mais mensagens e eu deletei o orkut, agora só tenho o orkut que converso com a minha prima, deletei porque não agüentava mais ficar esperando pelas mensagens da D.. Tem um garoto que mandou mensagem para a D., e que eu me perguntei se ela estava com esse menino quando estava com o outro namorado, capaz que ela ficou com todo mundo ao mesmo tempo, porque ela começou a namorar o F. quando ela tinha 15 anos, e ela disse que namorou com esse menino das mensagens e com três meninas, não iria dar tempo, de 15 para 17 anos é pouco tempo e não daria tempo de ter todos esses relacionamentos. Tenho ciúmes da D. com homem mas não tenho*

*ciúmes dela com mulher. Acho que tenho ciúmes do pênis dos homens e se tivesse um jeito eu arrancaria os pênis de todos. Parece que eles são superiores, em tudo, na profissão, e tem duas profissões que eu acho que os homens não seriam superiores, na psiquiatria e na psicologia, o homem não entenderia como a mulher pensa, e eu não iria em um psicólogo homem. Eles sempre pensam primeiro com a cabeça debaixo”.*

*Perguntei se era o pênis que os deixavam superiores. “Não sei se é o pênis que os deixam superiores mas já sonhei que tinha um pênis. Não sei se queria ser homem. Não sei porque D. teve relações sexuais com o namorado dela, ela parece que tem nojo de mulher. Se uma mulher disser que fica com mulher mas que gosta de homem ela não quer, não entendo ser bissexual. Parece que as pessoas que fazem parte desse meio são diferentes, e eu sou diferente. Não sei se as outras pessoas pensam tanto em sexo como eu. A minha mãe falou que acha muito estranho as mulheres darem o cú de graça, disse que é dolorido e que ela daria o dela só se fosse por muito dinheiro. A minha mãe nem sonha que eu já dei, e eu não acho dolorido. As mulheres dão a bunda para quem quiserem. Um rapaz com quem eu conversei a algum tempo na internet me chamou para sair, mas eu disse que só estava afim de sair e não de fazer outras coisas, e ele disse que iria esperar quando eu estivesse com a mesma vontade que ele. Acho nojento a pessoa dizer que trai, e quando eu conversei com esse homem eu não sabia como estava a minha relação com D.. A D. é muito imatura, mas as pessoas da minha idade são muito chatas e sempre me relaciono com pessoas mais jovens”.*

**4.2.21.** 36ª sessão:

Perguntei como era ser levada em banho-maria por uma pessoa de 17 anos. *“Acho que sou eu que me deixo ser levada em banho-maria, e acho que não é por ela ter 17 anos, porque seria do mesmo jeito se fosse uma pessoa da idade dela ou mais velha. Tenho vontade de sumir, desaparecer, eu queria ter entregue todas as coisas da D. para ela, queria ter entregue uma carta que ela deu junto com um presente, presente este que ela me perguntou porque eu não estava usando e eu disse que era porque eu estava gorda e que não iria usar por causa disso. Queria levar tudo para a D. para que ela não tivesse nada para entregar para mim depois, para que não tivesse nenhuma desculpa para me encontrar. Parece que para ser feliz é preciso ter uma pessoa para dividir a vida, que não adianta ter dinheiro mas não ter alguém, ter família mas não ter alguém do seu lado. Parece que homem é muito diferente, eles parecem que não tem sentimentos, que não estão nem aí se tem alguém ou não”. Eu perguntei para ela “será que você é muito diferente deles?” *“Talvez seja por isso que as vezes penso que gostaria de ter nascido homem”.**

**4.2.22.** 38ª sessão:

*“A minha cunhada fica muito doente, já deixou vários empregos por causa de doença, não sei porque ela fica tanto doente, do último emprego ela foi despedida depois de ter tido dengue. Não acho certo a D. sair com os amigos dela, com os amigos dela é diferente. Já com os meus eu não acho nada de errado. Tenho uma amiga que veio para a cidade fazer uma cirurgia e que queria que eu saísse com ela antes da cirurgia”. Perguntei qual era a*

diferença. Ela sorriu. *“Parece que nenhuma, é por isso que sinto que eu pressiono a D.. Parece que ela não quer nada comigo e eu pressiono ela para ficar comigo. Esses dias falei para ela que iria desistir, e ela disse que não era para eu fazer isso, eu queria morrer, e a D. disse para eu parar de falar essas coisas e que eu falava toda hora isso. Eu gosto da D. mas ela não é a mulher dos meus sonhos”*.

Perguntei como seria essa mulher. *“Uma mulher companheira, que saísse comigo, fiel, carinhosa”*. Perguntei o que era “estar” com uma pessoa, pois me parecia que era “tudo que não acontecia” entre ela e D.. Ela sorriu e disse: *“Quando estou com a D. é tudo uma maravilha, mas quando está longe é ruim, não sei o que acontece na vida dela, e ela não me procura. As vezes penso que estou com a D. só porque ainda não tive relações sexuais, comentei com o meu amigo J. e ele disse que era perigoso eu me envolver mais ainda se acontecesse”*.

Eu disse que se parecia com o relacionamento que ela teve com a S.. *“Não, no caso da S. eu nem sabia quem estava atrás do computador, e com a D. é real, eu tenho um contato mais íntimo”*.

#### **4.2.23.** 41ª sessão:

*(...)Tenho uma prima que foi em minha casa e levou o marido dela, ele era gay e agora tem um filho com ela, mas ele continua gay, dá para ver no jeito dele, em como ela ajuda na cozinha, ele é muito gay! Tenho muito mais ciúme de homem do que de mulher, ao mesmo tempo que o homem é um nada, que não serve para nada, ele é tudo, ele é mais inteligente, ele é melhor”*. Eu perguntei como era isso. Ela riu e disse: *“É confuso, eu mesma*

*não sei explicar. Ao mesmo tempo que eu critico os homens, eu não sei se tenho inveja deles, se queria ser eles. Já pensei que queria ter nascido homem. Homem se dá muito bem com homem, e se um dia faltar mulher eles se dão tão bem que um vai dar a bunda para o outro e tudo bem. Não pedi para nascer, e viver só para sentir dor”.*

#### **4.2.24.** 44ª sessão:

*(...) Os meus pais nem ligavam para nós, eles sumiam no mundo e deixava uma prima cuidando da gente, era uma prima que era um pouco mais velha que eu, e tinha um garoto que ela falava que era namorado meu, mas eu nem sabia o que era namorar na época, e um dia ele foi dormir lá na minha casa e eu fiquei pensando, não que eu queria transar com ele, mas eu pensei em ir onde ele estava e beijá-lo. Havia muitas coisas que eu pensava, mas que como eu tinha dito outra vez, eu pensava muito mas não queria dizer que eu fazia, muitas coisas eu tentava não fazer. Me sinto excitada quando vejo um filme pornô em que um homem está transando com uma mulher. Não gosto de entrar nos sites de bate-papo, mas uma vez entrei e um homem casado veio falar comigo para saírem e eu disse para ele que não queria por ele ser casado, mas lá na sala ele encontraria alguém que quisesse pois as mulheres estavam querendo era isso. Olhei no Orkut da D. e vi que um cara pediu para adicionar ele e ela adicionou. A D. parece que adiciona todo mundo que pede, mas parece que ela não conversa com todos e nem dá moral. Mas eles ficam mandando recadinhos falando que ela é linda e não sei mais o que. Fico*

*morrendo de ciúmes e tenho mais ciúmes dos homens, ela também tem muitas amigas mas não tenho tanto ciúmes”.*

*“A D. faz amizade muito facilmente, tem muitos amigos. Nos encontramos em um bar perto do B. (Shopping) e a D. disse que conhecia o B. (bar), que era outro bar. Eu então disse para a D. que ela era bem rodada, conhecia todos os lugares. E ela disse para mim que ela saía muito antes e que por isso conhecia muitos lugares e muitas pessoas. Eu gostaria de conhecer pessoas, meus amigos não estão prestando, penso em sair, conhecer novas pessoas, mas não faço amizade tão facilmente como a D.. Parece que estou fazendo com a D. o mesmo que a L. fez comigo, que a L. vivia falando que eu traía ela, ela era muito desconfiada e grossa e eu achava ruim. Estou fazendo o mesmo com a D.. Quando me lembro da L. sinto até nojo, e um dia nos encontramos e conversamos e ela me pediu desculpas e disse que eu tinha ajudado muito ela, que na época ela não tinha onde ficar e eu pedi a minha mãe que ela fosse morar lá. Acho muito ruim quase não nos vemos, eu e a D., e isso acontece quase uma vez ao mês, não sei se estou junto dela só porque ainda não aconteceu o sexo, ou, como disse o meu amigo, que talvez quando tiver eu me envolva mais. Queria ter coragem de dizer que só continuaria com ela se ela fosse fazer sexo, afinal que namoro é esse sem sexo?, não é que eu não tenha feito nada, eu já a toquei mas ainda não teve sexo. Não é possível uma pessoa dizer que gosta da outra e ficar 6 meses falando que tem vergonha e que não faz sexo por isso. Falo da D., que ela é nova mas sou eu quem me sinto imatura, parece que a adolescente sou eu”.*

#### **4.2.25.** 45ª sessão:

(...) Perguntei quem era a E. *“É uma amiga que já morou na Espanha e em Portugal e veio ao Brasil para fazer uma cirurgia. Ela tem 34 anos. A D. falou para eu tentar arrumar emprego no shopping para que nós ficássemos mais perto, mas eu teria que ficar livre durante a noite. Aí era que não nos veríamos. A D. disse que eu também poderia trabalhar no mesmo lugar que ela. Eu disse que achava que não seria bom, ver uma vez ao mês é ruim mas que todos os dias também seria, deveria enjoar. A D. falou para mim que queria contar para toda a família que eu era sua namorada e que não queria ficar namorando escondido, tendo que sair correndo para o banheiro para se beijarem. Disse que uma amiga dela falou para a prima que a mãe dela ficaria com muita vergonha em saber que ela era sapatão. A D. está me enrolando quanto a sexo, ela disse que era para ser um presente de aniversário mas acho que não vai ser, estou esperando isso a muito tempo, era para ter sido no dia dos namorados, e agora espero um presente de natal. A D. fala que não está preparada e que tem vergonha. Eu nem estou vendo muito filme pornô para não ficar com vontade. A D. fala que se arrepende de ter perdido sua virgindade com homem. Eu disse para ela que também me arrependo de algumas coisas que já fiz, de ter ficado com alguns homens e até mesmo com algumas mulheres. Minha expectativa para com o sexo com homens era sempre maior e na hora não era lá essas coisas. Saía por sair, não pensava em namoro com eles, mas também quando saía com um, só saía com ele, ficava saindo só com um. Os homens não prestam atenção no que as mulheres falam, uma vez quase falei para um homem que o pênis dele era pequeno. Não sou submissa”.*

**4.2.26.** 46ª sessão:

*(...) Conheci uma menina de 24 anos casada com um cara de 30, ele era muito feio. A menina falou que eu falo as coisas e depois critico, ela disse que eu não sabia o que ela queria. Eu disse para ela que bom que ela sabia. A menina disse que era bissexual. Não tenho nenhuma lembrança de sexo com a D.. Ela não tem nada que desperte qualquer sentimento sexual. Eu comecei a gostar e vi ela diferente, era só começar a beijar eu ficava louca. Fico pensando que eu poderia evitar. Eu pensei que na medida em que nos envolvesse iria rolar sexo. Que poder essa desgraçada tem em segurar cinco meses sem sexo? Se ela não transar comigo não dá para continuar. Eu não sei o que estou esperando, porque eu estou insistindo. Se não for do meu jeito também não quero mais. No começo eu sou mais insistente com a pessoa e depois que a pessoa desiste eu me apego.*

## **CAPÍTULO V**

### **DISCUSSÃO DO CASO CLÍNICO**

Como já foi dito antes, um estudo baseado em caso clínico deve sempre ter o cuidado de não buscar uma espécie de “validação” ou verificação. Assim

o que se pode esperar é que as discussões teóricas anteriores possam nos ajudar a melhor compreender uma dinâmica inconsciente, ou seja, ao final estamos buscando interrogar o chamado “desejo inconsciente”, cujas marcas nos dizem algo sobre a estrutura. Parece adequado falar em *traços estruturais*.

A fala da paciente não é linear, embora não possa ser considerada como delirante ou psicótica. O que parece faltar é uma presença marcada de outros que sejam significativos, durante sua fala muitos relacionamentos são indicados, sem que um *nome próprio* seja dito, como no relato: “*Eu só tive três relacionamentos com homens, porém acho que somente um pode ser considerado como bom*” (...) “*Nós acabamos terminando porque eu não fazia questão de ficar com ele e ele não queria um relacionamento sério. Então não interessava para mim*”.

O relato da paciente espelha uma dinâmica na qual não se pode identificar quando começam os relacionamentos e quando terminam, seu transcorrer cronológico é confuso; o que “estrutura” o discurso são sentimentos, impressões, expressões de desejos em momentos, cuja organização no tempo às vezes são recuperados em sessões posteriores, às vezes não.

Em sua fala afirmou que “(...) *Homem é só um acessório, serve só para cama e se ele nem estava servindo para isso então eu não queria*”. (...) “*Uma vez eu estava na internet e comecei a conversar com um homem e ele me chamou para ficar com ele e com a namorada dele, eles marcaram em um posto e eu fui. Mas o cara era deficiente físico, ele era muito esquisito, era muito feio, acabei ficando com a menina e o homem só ficou olhando, ficando meio que para escanteio*”. O que nos faz pensar que os parceiros não são

“percebidos” como pessoas no sentido pleno, mas como “instrumentos” (Calligarias, 1986; Peixoto, 1997).

A sexualidade da paciente não pode ser definida como bissexual, mas sim como uma sexualidade polimorfa, remetendo à perversidade polimorfa infantil citada por Freud (1905/2004). Pode-se apontar um “desejo de pênis”, mas não como desejo genital por um homem, o modo como ela descreve os detalhes de suas relações com homens indica que o prazer está em *cortejar*, ou melhor, seduzir, mostrar um domínio, acrescido de um desprezo para com os homens. Este desprezo pelos homens e “seus gostos “ pode ser demonstrado pela fala: “(...) *Em um barzinho o meu amigo ficou afim de um garoto e eu fui chegar nele, vi ele com outra menina e chamei ele para outro lugar, nós dois saímos e fomos para um terreno baldio, ele pegou em mim e eu peguei nele, mas ele estava sem preservativo, ele quis que eu fizesse sexo oral nele, mas eu grilei e eu disse para ele que era por isso que as mulheres viravam lésbicas. (...) Já cheguei a assistir a tudo quanto é filme pornô antes de sair com um homem, ficava prometendo para mim mesma que transaria várias vezes, mas cheguei lá e foi péssimo e só dei mais uma vez porque eu tinha prometido. (...) Homem gosta é de boca e daquilo, gosta mesmo é de um boquete, e travesti tem tudo que eles gostam, boca e dá a bunda*”. Estes relatos estão vinculados a um desejo forte pelo “pênis”, expresso de forma direta, na forma do “querer ter um”, mas não como uma postura fálica pura. Sua fala deixa a impressão que ela seduz os homens, convida, para depois frustrá-los de seu prazer; o modo de “ir direto”, sem oferecer o que eles gostam (“*boca e aquilo*”), sem preliminares. Podemos pensar na metáfora do sexo com a prostituta, com a diferença que ela não finge o gozo, privando o portador do

pênis do seu gozo pleno. Pode-se perceber com o seguinte relato: *‘(...) Outra vez eu fui para um terreno mas tinha um homem olhando e nós dois ficamos sem graça. Já cheguei até a ir no A. (parque ecológico) de madrugada, isso é coisa de puta. Desse jeito vou acabar sendo atriz de filme pornô ou prostituta, pelo menos pagariam para isso’*. Este modo de “travar” o homem, de controlar a relação sexual nos leva a pensar em um segundo traço estrutural, o desafio. Observando o fato de que a mulher se alimentaria ao fantasma de se tornar para o outro amado, objeto de sua paixão, esta serviria de porta de entrada no registro da perversão (Dör, 1991). A mulher se colocaria portanto, como “exigência vital” para o desejo do outro. Surgiria a interação da transgressão e submissão, na qual quanto mais o objeto feminino é maltratado e rejeitado, mais é investido como objeto distribuidor de gozo. A figura da prostituta ocuparia o lugar de objeto da falta com a qual se goza e expressa, como tal, que a mulher encarna a própria prova de uma vitória sobre a castração. Também pode-se apontar elementos de desafio nas fantasias expressas com relação às duas “namoradas”, nos parecem associadas a uma posição de ocupar o lugar do homem, “ser importante”, “desvirginar” a namorada, ser a “parte experiente” da relação: *‘(...) Os meus relacionamentos são sempre com meninas mais novas do que eu. A menina me falava para eu acordar e mesmo assim eu mandava e-mail. E agora a menina não está mais se correspondendo comigo e eu estou sofrendo muito pois a menina não está mais se correspondendo comigo. Acho que um pouco desse sentimento é porque a menina disse que nunca tinha tido relações sexuais, apenas namorou um menino mas que não chegou a ter relações. Eu comecei a fantasiar isso. (...) Já tentei de tudo, já fiz tudo com homem mas não adiantou, mas com essa*

*experiência eu posso fazer essas coisas com mulher, usando um adereço e sentir prazer. (...) A menina, do meu relacionamento recente, disse que era virgem, e eu estava sonhando para tirar a virgindade dela. Sonhei com isso”.*

Nas duas relações que são descritas como gerando um envolvimento afetivo intenso, paixões de fato, não há indícios que o “desejo do Outro” entre em cena; podemos interpretar como uma tentativa de seduzir e controlar, mas o fato *simbólico* de não possuir o pênis causa grande embaraço. Assim, de acordo com Freud (1925/2004) no momento em que a menina se sente castrada, quando percebe que algo lhe falta, o fato é percebido como uma punição por uma falta cometida pela mulher. Embora em sua fala a paciente demonstre querer dominar, controlar, impor seu desejo, já que parece não perceber o real desejo do outro, porém é ela quem “fica em falta”. Ao se sentir “manipulada” pela namorada a paciente relata: “(...) *Tenho vontade de continuar ficando com D. e quando acontecer a primeira relação sexual, deixá-la. como pode existir uma pessoa que fala que sente saudades, que gosta, e que agora não quer? (...) Então seria uma espécie de vingança, sou uma pessoa bastante vingativa*”. Estas seriam fantasias extremas e destrutivas que aparecem, remetendo ao postulado que, enquanto os neuróticos inibem a expressão de seus desejos, os perversos buscam encontrar, “custe o que custar”, uma forma para realizá-los (Martins, 2003).

Durante as sessões, na fala da paciente, pode-se notar algumas ambigüidades com relação a homens e a mulheres, remetendo ao terceiro traço estrutural que seria a clivagem do ego, porém esta seria uma clivagem que atingiria diretamente o complexo de castração. Podendo ser constatado no relato a seguir: “(...) *Estou me sentindo muito sozinha, não arrumo ninguém e*

*não quero homem, não quero namorar com homem*". Porém em outros momentos relata sobre encontros com homens com os quais tiveram relações sexuais, no entanto relatando insatisfação. Em outro relato ela afirma: "(...) *As vezes tenho sonhos estranhos, como transando com um homem, sem rosto, sem nada, só com o pênis dele. Também sonho que eu tenho um pênis e estava transando com uma mulher, e eu gozava como se fosse homem, como acho que seja o orgasmo do homem*". Revelando um desejo pelo pênis, no entanto não goza dele.

Quanto às mulheres sua posição demonstra remeter à *infantil polimorfa* citada por Freud (1905/2004), ela não parece desejar a relação genital com mulheres, a não ser naquilo que esta relação pode colocá-la na posição do desafio, a posição de desafiar a castração. O sentimento de ser capaz de dar gozo às mulheres, pode ter valor simbólico de equivalente à "eu tenho um pênis". Mas, aparentemente ela não consegue "operar" este gozo, ficando presa em desejos, aparentemente também perversos, como no relato: "(...) *Mas depois que eu me passei por amiga dela para outra amiga, para perguntar o que elas tinham, se tinham algum relacionamento além da amizade, depois disso não nos falamos mais. Tenho muito ciúme do ex namorado dela, que além de ser muito bonito, gostaria que a D. me amasse como ela amava ele*". Destas relações parece desprender uma grande angústia, formulada na afirmação: "(...) *Parece que nada dá certo, tudo acaba dando errado, todos os meus relacionamentos não dão certo*" "(...) *o que tem de errado comigo...*". O trecho acima citado pode ser interpretado como a falta do pênis.

A clivagem do perverso, como já dito opera por denegação, ora reconhecendo a castração materna, ora negando (Freud 1925/2004). A

paciente parece perceber as mulheres como estando sempre “*atrás de pênis*”. De onde parece vir sua insegurança, se sentindo “em dívida” por não ter pênis. Portanto a fala da paciente nos remete ao traço estrutural da clivagem do ego, pois ela expressa a fantasia de “querer ter um pênis”, aceitando a castração, mas à condição de transgredi-la. Esta, face à manutenção da fantasia que é capaz de “fazer gozar”, para que a recusa se sustente, é necessário uma “prova”, um ato que lhe assegure que a castração com ela não funciona.

Uma queixa da paciente nos parece ilustrativa de uma clivagem com características de desafio, quando ela relata que sente prazer nas situações em que a submete ao sexo oral, no entanto se queixa que os homens não gostam de fazê-lo. “(...) *Saí com um homem que não me masturbava. Saí com um outro que não gostava de fazer sexo oral, ele me perguntava se eu já tinha saído com outras mulheres, se elas tinham um cheiro estranho, então eu disse que ele já devia ter esta experiência por estar incomodado com isso. (...) Homem gosta é de boca e daquilo... (...) Homem se dá muito bem com homem, se um dia faltar mulher eles se dão tão bem que um vai dar a bunda para o outro e tudo bem*”. No momento em que ela cria a fantasia de que o desejo do homem é que seja ele submetido ao sexo oral, ela pode se colocar também em uma posição *masculina*, ao gostar (gozar) do mesmo modo que os homens.

De acordo com o caso clínico em questão um quarto traço pode ser inferido das escolhas objetais do tipo narcísico. Freud (1915/2004) afirma que no “retorno sobre a própria pessoa”, a moção pulsional, que é interna, num primeiro momento é projetada para o exterior, como uma forma de descarga. Contudo, num movimento contrário, essa pulsão pode encontrar no investimento do próprio Eu uma oportunidade de satisfação, ou seja, há um

retorno da pulsão sobre o próprio Eu. Esse destino pulsional participa às escolhas objetais denominadas como “narcisistas”, como é o caso da perversão, sobretudo em sujeitos que sofreram alguma perturbação em seu desenvolvimento libidinal. Esses sujeitos podem lhes adotar como objeto amoroso, procurando a si mesmo como objeto de prazer. Mecanismo comum aos perversos e homossexuais (Freud, 1914/2004).

Os elementos encontrados nas sessões clínicas são variados, atestando uma *polimorfia* sexual, ao ponto da paciente se colocar a dúvida sobre *ser ou não ser*, bissexual. Mas afinal, ser bissexual é manter relação sexual com os dois sexos ou “*ter dois desejos*”? Porém, outro elemento clínico é chave para interrogarmos a possibilidade de uma “perversão no feminino” que seria a angústia da paciente, que, diferentemente do perverso clássico, procura e permanece em terapia. Há algo do imperativo do gozo e do seu impeditivo singular nesta paciente, que não pertence à discussão sobre a estrutura da perversão nas mulheres, mas à relação transferencial, que não é objeto deste estudo.

## **CAPÍTULO VI**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O tema perversão se torna uma questão emergente para se compreender o processo de subjetivação do homem contemporâneo. Estamos

certos de que a forma de subjetivação de hoje não é a mesma de um tempo atrás, novas formas de sintomas e discursos emergem no cenário da clínica psicanalítica, demandando pesquisas e reflexões a respeito.

Assim como Freud e Lacan, citados por Queiroz (2004), a civilização estaria caminhando para uma montagem perversa, diante do discurso capitalista, no qual social e individual estariam sempre relacionados.

A demarcação do espaço público e do espaço privado, claramente delineada nas sociedades disciplinares, foi aos poucos, abolida. A ausência do limite entre eles, a disseminação do mundo virtual, propicia a proliferação de atos obscenos, chocando com a crueza que a prevalência da imagem provoca fazendo emergir um tipo de discurso cuja característica é falar sem limite, uma espécie de fala obscena, convocando o sujeito para a mostraçãõ de si. Este efeito acaba se manifestando em todos os níveis, no que se refere a comportamentos, fala e produção. Cultiva-se o autocentramento e o cuidado excessivo e contínuo com a imagem.

De acordo com Campos (2004) uma explicação para o reaparecimento da questão clínica da perversão feminina se dá ao fato da feminização do corpo social proposto pela modernidade somando-se ao declínio da função paterna. A autora acrescenta porém que estas novas formas de subjetivação às transformações históricas não são suficientes para explicar este processo, apesar de haver mecanismos poderosos para perverter os corpos e a subjetivação. A modernidade traz aspectos que proporcionam o desenvolvimento de indivíduos narcísicos, com extrema valorização do eu e do individualismo. Nesta lógica transforma-se o corpo, o prazer e o sexo em mercadorias para o consumo, como objetos de troca. As características desta

sociedade, configurada na modernidade, são marcadas pela solidão e isolamento, transformando o sujeito nela inserido em um sujeito desamparado e carente. Surge então a dificuldade do indivíduo em estabelecer e perceber os limites do “ter para ser”. Sendo que sua subjetividade é sustentada pelo outro, ele se torna frágil diante das rejeições e faltas a ele impostas. Assim esta afirmação não bastaria, pois a perversão como estrutura é anterior a esse período (Campos & Carrer, 2008).

Ressalta-se que as inquietações geradas no espaço da análise é que incitam o analista a produzir pesquisas e concomitantemente produzir questionamentos sobre diversos processos. Estes questionamentos, oriundos de inquietações decorrentes da escuta do analisando, justifica o propósito do trabalho em questão. Eles me fizeram pesquisar e refletir sobre o discurso perverso e em como a experiência adquirida a partir da escuta, poderia contribuir para a construção de uma clínica possível da perversão.

Colocar-se como analista implica suportar as inquietações de certas descrições e provocações, sendo que o traço transferencial na perversão se caracteriza por sustentar-se em um lugar de desafio, fazendo do outro um assujeitado às suas fantasias, sendo que a fala do analisando é dotada de desmesura e volúpia.

Os fragmentos e sessões destacados revelam a presença de traços perversiformes em uma jovem mulher, sem no entanto, pretender com eles justificar a existência do diagnóstico de estruturas perversas. Desta forma abre-se a possibilidade para uma reflexão sobre o discurso fora das fronteiras de um diagnóstico estrutural.

No entanto alguns questionamentos seriam relevantes nesse momento, fazendo parte de questionamentos surgidos durante esta pesquisa.

A pouca demanda de perversos para análise seria um questionamento fundamental a este trabalho. No entanto, resgatando a relação do perverso com o outro, propriamente o casal perverso, esta relação poderia justificar a permanência do mesmo em situação de análise. O próprio perverso se engajaria no processo de análise, tomando o analista como cúmplice. O perverso então revelaria ao outro, analista, seus desejos e atos de forma detalhada, e este último seria o detentor de seus segredos, seu parceiro e cúmplice.

Faz-se necessário relatar que a quebra de limites e das barreiras impostas pelas exigências do mundo atual fez a transgressão passar a ser um ato cotidiano. Até que ponto o discurso do analisando em questão faria parte deste discurso atual, no qual o indivíduo se coloca como sujeito sem limites, sem referência ao outro, sendo o que importa seria somente a sua própria satisfação.

Observo que, com o questionamento de que o perverso, além de não se manter em análise também não seria ali implicado de alguma forma, não seria passível de análise, me sugere a questão de que qualquer indivíduo que passa pela clínica psicanalítica é afetado de alguma forma. Portanto o perverso, mais especificamente um sujeito com traços “perversiformes”, a análise e seus efeitos decorreria de forma diferente, sendo possível algumas resignificações, levando em conta a contemporaneidade e seus efeitos sobre o mesmo.

No entanto, ao final deste trabalho, ainda existem algumas reflexões que poderão ser conduzidas em pesquisas posteriores. Devido a avanços

existentes atualmente ainda permanece o questionamento sobre uma tênue linha existente entre o que seria considerado uma psicopatologia e o que seria apenas um reflexo de um sistema imposto ao indivíduo.

Por fim, nos parece pertinente afirmar que o caso clínico estudado reconstitui a dinâmica do desejo de uma mulher que não apresenta um objeto fetiche, mas apresenta sinais (traços) de uma libido fetichizada. Sinais de relações onde as outras pessoas não entram como “objetos libidinais” inteiros, mas como caminhos, meios ou instrumentos para um gozo que não se realiza. Não se pode descartar a hipótese que, em certos momentos ou posições, o próprio pênis (físico, material) entre como um “objeto fetiche” daquilo que ele representa que é o falo. Esta “plasticidade” da paciente face ao seu corpo, o corpo do outro (masculino ou feminino) e ao próprio pênis, não poderiam nos deixar confortáveis em uma hipótese de estrutura neurótica. Considerando o debate intenso e ainda aberto sobre a perversão feminina, não haveria um traçado confortável, nem para escutar a paciente, nem para a investigação clínica.

## **BIBLIOGRAFIA**

Aulagnier, P. (1990). Observações sobre a feminidade e suas transformações. Em J. Clavereul (org.), *O desejo e a perversão* (pp.67-112). Cidade: Editora.

- Alves, K. C. & Sousa, S. P. (2004). A perversão sob a ótica da Medicina Legal. *Reverso*. 26 (51), 85-90.
- Bergeret, J. (1998). *A personalidade normal e patológica* (3ª ed.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Birman, J. (1997). Se eu te amo, cuide-se. Sobre a feminilidade, a mulher e o erotismo nos anos 80. Em M. T. Berlinck, (Org.). *Histeria* (pp. 89-132). São Paulo, SP: Escuta.
- Brun, D. (1989). *Figurações do feminino*. São Paulo, SP: Escuta.
- Calligaris, C. (1986). *Perversão – um laço social?* Salvador, BA: Cooperativa Cultural Jacques Lacan.
- Calligaris, E. R. (2005). *Prostituição: O eterno feminino*. São Paulo, SP: Escuta.
- Campos, D. T. F. (2000). Mãe e filha: da identificação à devastação. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, XIII (135), 5-13.
- Campos, D. T. F. (2004). Fetichismo e subjetividade feminina. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, VI (3), 12-25.
- Campos, D. T. F. (2010). A Perversão Feminina e o Laço Social na Atualidade. *Tempo Psicanalítico*, 42 (2), 287-312.
- Costa, Jurandir F. (1995). *A face e o verso. Estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo, SP: Escuta.
- Chatel, M-M. (1993). *Malaise dans La procréation*. Paris: Albin Michel.
- Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10. Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas* (2008). Artmed. Porto Alegre.
- Clavreul (Org.). *O desejo e a perversão*. Campinas, SP: Papirus.
- Del Volgo, M.-J. (1998). *O instante de dizer. O mito individual do doente sobre a medicina moderna*. Goiânia, GO: Editora UCG.

Delefosse, M. S. (1995). *Fécondation in vitro, demande d'enfant et pratiques médicales*. Paris: Anthropos.

Dör, J. (1991). *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre.

DSM-IV-TR – *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (Trad. Cláudia Dornelles (2002); 4 e.d. rev. – Porto Alegre: Artmed.

Ferreira, M. T. (2008). A diferença sexual (não) é brincadeira. *Revista Literal 11: Sexualidade e(m) diferença*. Vol. 11, (pp. 11-26). Campinas/SP: Parábola Editorial.

Freud, S. (1905/2004). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp. 118-231, Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1910/2004). Cinco lições de psicanálise. Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp. 17-65, Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (1912/2004). A dinâmica da transferência. Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp. 109-119, Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).

Freud, S. (1914/1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol 14, pp.77-108). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Original publicado em 1914).

Freud, S. (1915/2004). Os Instintos e suas Vicissitudes. Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp. 116-144, vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1922/2004). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo. Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp. 235-247, vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1922).

- Freud, S. (1923/2004). O Ego e o Superego (Ideal do Ego). Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp. 41-51, vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1924/2004). A Dissolução do Complexo de Édipo. Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp. 191-201, vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1925/2004). Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica dos Sexos. Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp. 271-286, vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado 1925).
- Freud, S. (1927/1996). Fetichismo. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol XXI, pp.155-160). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Original publicado em 1927).
- Freud, S. (1931/1996). Sexualidade feminina. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol XXI, pp. 231-251). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Original publicado em 1931).
- Freud, S. (1933/1996). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise; Conferência XXXIII Feminilidade. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol XXII, pp.113-134). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Original publicado em 1933).
- Freud, S. (1937/1996). Construções em análise. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol XXIII, pp.275-287). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Original publicado em 1937).
- Freud, S. (1940/1996). Esboço de psicanálise; Capítulo VII: Um exemplo de trabalho psicanalítico. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol XXIII, pp. 197-207). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Original publicado em 1940).
- Freud, S. (1896/2004). Tentativa de representar os processos  $\Psi$  normais. Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp. 415-454, vol. I). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).

- Gori, R. (1998). *A prova pela fala: sobre a causalidade em psicanálise*. São Paulo, SP: Editora Escuta; Goiânia: Editora da UCG.
- Granoff, W. & Perrier, F. (1991). *Le désir et le feminine*. Paris: Aubier.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (2008). *Vocabulário da Psicanálise*. (pp. 65-68/ 253-254). São Paulo: Martina Fontes.
- Martins, F. (2003). *Psicopatologia II: Semiologia clínica: investigação teórico-clínica das síndromes psicopatológicas clássicas*. Brasília: Editora da UNB.
- Nasio, J. D. (1988). *A criança magnífica da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Nasio, J. D. (1995). *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Passos, C. L. R. V. (2006). *Infância – a ancoragem e o resto*. *Revista Literal*. 9: *A criança e o infantil na clínica psicanalítica*. VI. (9) (pp. 13-17). Campinas/SP: Parábola Editorial.
- Peixoto, Jr., Carlos A. (1997). *Metamorfoses entre o sexual e o social. Uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão*. 271p. *Tese de doutorado em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, não publicada.
- Pommier, G. (1991). *A exceção feminina: os impasses do gozo* (2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

Queiroz, E. F. (2004). *A clínica da perversão*. São Paulo: Escuta.

Queiroz, E. F. (2002). *A perversão no feminino*. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. VI (3), 92 – 108.

Roure, G. Q. de. (2004). Se esta criança, se esta criança fosse “minha”. *ReEducação em revista: Profissionalização dos funcionários administrativos da escola*. VI (6), (pp. 34-42).

Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. (pp. 583-587). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Stein, C. (1988). *As erínias de uma mãe: ensaio sobre o ódio*. São Paulo, SP: Escuta.

Stein, C. (1987). *L'enfant imaginaire*. Paris: Denoël.

Valas, P. (1990). *Freud e a Perversão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Zimmerman, D. (1999). *Fundamentos psicanalíticos: teoria técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre, RS: Artmed.